



Esporte da Escola: Experiências na formação continuada e em serviço

Organizadoras:
Silvana Vilodre Goellner
Mayara Cristina Mendes Maia

GRECCO

GRUPO DE ESTUDOS
SOBRE ESPORTE
CULTURA E HISTÓRIA



**Esporte da Escola:
experiências na formação continuada e em serviço**

Organizadoras

Silvana Vilodre Goellner

Mayara Cristina Mendes Maia

Coleção GRECCO

2017



APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A coleção GRECCO é um projeto editorial do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História, vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Visa a publicação de livros eletrônicos privilegiando obras clássicas e contemporâneas no campo da Educação Física em interface com as Ciências Sociais e Humanas. História, Memória, Gênero, Sexualidade e Mídia são temas de maior interesse.

Coordenadora da Coleção:

Silvana Vilodre Goellner

Conselho Editorial:

André Luiz dos Santos Silva (FEEVALE)

Angelita Alice Jaeger (UFSM)

Ivone Job (UFRGS)

Livia Tenório Brasileiro (UPE)

Ludmila Mourão (UJF)

Meily Assbú Linhales (UFMG)

Victor Andrade de Melo (UFRJ)

Copyright © 2017 Centro de Memória do Esporte

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-reitor: Jane Fraga Tutikian

Pró-reitora de Extensão: Sandra de Deus

Vice-pró-reitora de Extensão: Claudia Porcellis Aristimunha

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança – ESEFID – UFRGS

Diretor: Ricardo Demétrio de Souza Petersen

Vice-diretor: Luciana Laureano Paiva

Centro de Memória do Esporte - CEME

Coordenadora: Silvana Vilodre Goellner

Projeto Gráfico (Capa): Nina Sodré

Projeto Gráfico e diagramação (Miolo): Silvana Vilodre Goellner e
Mayara Cristina Mendes Maia

Imagens da Capa: Nina Sodré

Qualquer parte ou o todo desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada corretamente a fonte.

E24 Esporte da escola: experiências na formação continuada e em serviço /
Organização Silvana Vilodre Goellner, Mayara Cristina Mendes Maia -
Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2017.

152 p., il.

ISBN: 978-85-9489-073-3

1. Esporte. 2. Escola. 3. Programa Segundo Tempo. 4. Capacitação. 5.
Ensino e aprendizagem I. Goellner, Silvana Vilodre, Org. II. Maia,
Mayara Cristina Mendes, Org.

CDU: 796:37

Ficha catalográfica elaborada por Naila Touguinha Lomando, CRB-10/711

Sumário

<i>Apresentação.....</i>	6
<i>EQUIPE PEDAGÓGICA DO ESPORTE DA ESCOLA</i>	8
<i>Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira</i>	9
<i>EQUIPE TÉCNICA DO ESPORTE DA ESCOLA.....</i>	19
<i>Amanda Corrêa Patriarca Athayde.....</i>	20
<i>Marcela Asfora Lira</i>	26
<i>EQUIPE DE FORMAÇÃO DO ESPORTE DA ESCOLA.....</i>	30
<i>Allyson Carvalho de Araújo</i>	32
<i>Andréia Laurita Vieira</i>	40
<i>Ariadne Ribeiro Costa Santos.....</i>	44
<i>Berenilde Valéria de Oliveira Sousa</i>	49
<i>Bruna Priscila Leonizio Lopes</i>	53
<i>Bruno de Souza Vespasiano.....</i>	59
<i>Cristiano Vieira Santana</i>	62
<i>Dandara Queiroga de Oliveira Sousa</i>	67
<i>Dirceu Santos Silva.....</i>	72
<i>Elisandro Schultz Wittizorecki</i>	80
<i>Ida de Fátima de Castro Amorim.....</i>	90
<i>Jennifer Rodrigues Silveira.....</i>	94
<i>Juliana Guimarães Saneto</i>	98
<i>Loreta Melo Bezerra Cavalcanti.....</i>	107

<i>Luiz Antônio Silva Campos (Monó)</i>	112
<i>Maria Aparecida Dias (Cida)</i>	115
<i>Mayara Cristina Mendes Maia</i>	125
<i>Naira Lopes</i>	131
<i>Pamela Roberta Gomes Gonelli</i>	134
<i>Rogério da Cunha Voser</i>	138

Apresentação

O Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com o Ministério do Esporte, é responsável pelo Projeto Memória do Programa Segundo Tempo (PST). O projeto segue as normas do CEME quanto à preservação e à divulgação da memória esportiva nacional e a importância social do Programa Segundo Tempo no âmbito das políticas públicas de esporte, e, assim, busca construir registros sobre a memória do PST, gerando informações históricas, acadêmicas, entre outras. Este e-book, portanto, vem nos contar sobre mais algumas páginas das histórias do PST, em específico, da sua atividade no Esporte da Escola (EE).

Tudo começou quando o Ministério do Esporte (ME), por meio da Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS) e o Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Básica (SEB), estabeleceram uma parceria em 2009, na qual o Programa Segundo Tempo/ME desenvolveria uma proposta de esporte educacional, denominada Esporte da Escola/Atletismo e Múltiplas Vivências Esportivas, no Macrocampo Esporte e Lazer do Programa Mais Educação/MEC. Essa parceria objetivava integrar a política esportiva educacional com a política de educação, de forma a incentivar e universalizar a prática esportiva nas escolas.

O Esporte da Escola contou com um grupo de profissionais capacitados para a concretização de suas ações pelo Brasil. Sendo assim, quem melhor do que eles para relatar alguns passos deste caminhar? Recorrendo a utilização de entrevistas e questionários, buscamos nesse livro registrar algumas das experiências vividas por alguns desses profissionais.

O Esporte da Escola, ação de política indutora, contou com vários agentes em seu desenvolvimento. Os cursos de extensão presenciais, em específico, trabalharam com três equipes responsáveis por seus setores de atuação: uma equipe pedagógica, uma equipe técnica e uma

equipe de formação. São esses agentes que estão contemplados nesta obra cujos relatos registram algumas contribuições da Atividade Esporte da Escola.

A equipe do Programa Segundo Tempo, com sede na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, disponibilizou o contato com as pessoas envolvidas nesta atividade. No entanto, não foi possível contemplar todos seus integrantes. Nesse sentido, trouxemos o registro daquelas pessoas que responderam nosso convite e que aceitaram conceder uma entrevista presencial ou por Skype ou ainda que se disponibilizaram a responder o questionário que elaboramos visando obter informações sobre seu envolvimento com o Esporte da Escola. A ausência de integrantes das várias equipes que atuam nesta atividade se dá por motivos como a carência de dados pessoais para a realização de uma comunicação direta, a ausência de retorno de nossos e-mails e ligações ou a impossibilidade de contribuir no momento de nossa procura.

O Esporte da Escola foi iniciado em 2010, sua consolidação pelo país aconteceu em 2014 e durou até 2016. Atualmente, ele acontece no formato de cursos de extensão EaD, no qual são abordadas temáticas variadas conforme as demandas dos conveniados. Este livro registra alguns aspectos de sua trajetória. Boa leitura!

Silvana Vilodre Goellner
Mayara Cristina Mendes Aguiar

EQUIPE PEDAGÓGICA DO ESPORTE DA ESCOLA

O Esporte da Escola foi uma ação direcionada para as escolas movida por uma proposta pedagógica pautada nas múltiplas vivências esportivas, a saber: Esporte de Invasão – basquete, futebol, futsal, handebol, *ultimate frisbee*; Esporte de Marca e de Rede – *badminton*, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol e atletismo; ginástica, dança e atividades circenses; lutas, capoeira e práticas corporais de aventura.

Visando a aplicação efetiva da proposta pedagógica da Atividade do Esporte da Escola, o Ministério do Esporte, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a Universidade Estadual de Maringá (UEM), ofertava por meio de Cursos de Extensão (nos formatos Presencial e EaD), um processo de aprimoramento das funções dos monitores e acompanhamento das escolas que aderiram essa atividade.

A equipe pedagógica organizava todo o material, como manuais, tutoriais, materiais de apoio e complementares, slides às imagens e fóruns de discussão, estruturava os modelos da didática dos cursos, capacitava as equipes de formadores que realizaram, posteriormente, os cursos de extensão, acompanhava de perto a realização desses trabalhos e, até hoje, realiza os cursos EaD.

Esses tópicos figuram na entrevista de um dos idealizadores do Esporte da Escola. O coordenador da Equipe Pedagógica, Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira.

Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira



Data e local: Maringá, 30/08/2017
Entrevistadora: Mayara Cristina Mendes Maia
Transcrição: Bruna Moraes Costa
Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia
Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner
Total de gravação: 21 minutos

Minicurrículo

Graduado em Educação Física (UNOPAR, 1979), Mestrado em Ciência do Movimento Humano (UFSM, 1988), Doutorado em Educação Física (UNICAMP, 1999) e Pós-Doutorado em Educação Física pela (UFRGS, 2014). Atualmente é professor Associado nível C da Universidade Estadual de Maringá. Integrante do Programa de Pós-Graduação Associado UEM-UEL em Educação Física, com orientações em nível de mestrado e doutorado. Atuação como Consultor do Ministério do Esporte na Secretaria Nacional de Esporte, Lazer e Inclusão Social (SNELIS). É Coordenador Pedagógico Nacional dos Programas de Esporte Educacional.

Entrevista

Porto Alegre, 30 de agosto de 2017. Entrevista com Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira a cargo da pesquisadora Mayara Cristina Mendes Maia para o Projeto Memórias do Programa Segundo Tempo do Centro de Memória do Esporte.

Mayara Maia (M.M.) – Bom dia professor Amauri. Você poderia falar um pouco sobre a sua relação com o Esporte da Escola?

Amauri Oliveira (A.O.) – Foi um convite do Ministério da Educação (MEC) para que nós participássemos de uma política indutora que era o Mais Educação. A partir das tratativas do Ministério da Educação, começamos a visualizar um processo de participação do Ministério do Esporte por intermédio do referencial teórico que tínhamos no Segundo Tempo para atender a essa política indutora da educação de tempo integral. Então, essa foi uma das primeiras vezes que o Ministério do Esporte foi convidado a participar de uma ação junto ao Ministério da Educação por conta de uma proposta pedagógica estruturada, que eles consideraram para participar também dessa política indutora. Então, a partir desse momento, começamos a trabalhar de forma mais intensa com o Ministério da Educação construindo materiais e uma estrutura pedagógica que pudesse dar conta das demandas que surgiam em decorrência do Mais Educação. Porque lá, nós tivemos uma diferença que foi significativa: o fato de trabalharmos com pessoas que não eram formadas na área. Fomos muito contra a vontade, mas era uma política indutora e nós resolvemos que para aquele momento estaríamos colaborando com o Ministério da Educação. Talvez tenha sido um dos grandes problemas, atuar com pessoas leigas não só na Educação Física, pois essa era uma das exigências do MEC, na qual pessoas interessadas em colaborar poderiam atuar como monitores – de qualquer área da Educação Básica. Esses monitores atuavam, por conta de uma pequena ajuda de custo, no contra turno ou na sequência das aulas das crianças que tinham vontade em participar do processo integral. Para nós, foi uma dificuldade muito grande, foi necessário trabalhar um convencimento bastante grande os parceiros que atuaram nos cursos de extensão, mas acabamos convencendo-os no argumento de que nós não poderíamos nos isentar de pelo menos passar alguma coisa para essas pessoas (monitores) porque, independentemente do

que nós pensamos ou idealizamos para esse trabalho, o Ministério da Educação (MEC) iria tocar. Então, achamos para o bem geral que seria importante uma participação nesse processo para minimizarmos possíveis equívocos no trabalho com a Educação Física e com o Esporte Educacional.

M.M. – Certo. E qual era a sua função lá dentro?

A.O. – Eu atuei como coordenador geral pedagógico desse processo, idealizando e desenvolvendo a proposta e o processo dos cursos de extensão... Acabamos realizando momentos de reflexão por meio dos cursos de extensão para pessoas que tinham interesse em colaborar com uma prática esportiva dentro das escolas e aí acabei assumindo todas essas responsabilidades com a proposta.

M.M. – Mas para as equipes de formadores responsáveis pela realização desses cursos havia capacitação? Existia material pedagógico para eles?

A.O. – Nós tivemos um problema sério. Tivemos que organizar um novo material para além do que a gente já estava utilizando no Programa Segundo Tempo. Convidamos o Fernando Gonzales e a Suraya¹, e nós três acabamos idealizando uma estrutura de material pedagógico para ser disponibilizado para a realização dos cursos e para ser entregue aos monitores que participassem dos cursos.

M.M. – Você lembra mais ou menos em que ano foi isso?

A.O. – A partir de 2011. Em 2010, começamos esses contatos com o Ministério da Educação e 2011/2012 começamos a estruturação desse novo material, que acabou saindo no final de 2013. Trata-se de um material muito extenso, rico de atividades e que envolveu muitos profissionais de todo o Brasil... Nós acabamos fazendo uma coleção, são

¹ Fernando Jaime González e Suraya Cristina Darido.

quatro volumes de práticas corporais. Hoje esse material é realmente uma referência para todo o país, inclusive para a Base Curricular Comum que está sendo organizada, mesmo porque o Fernando e a Suraya também participam das comissões. Eu auxiliei como consultor rápido também dentro dessa lógica e acredito que, de certa forma, estaremos subsidiando a Educação Física Escolar com os materiais do Programa Segundo Tempo. O que é muito bom porque é o que a gente gostaria também de alcançar, qualificar as aulas de Educação Física na escola. Esse material teve uma lógica de construção, reorganização do esporte e das atividades corporais, e antes até ficar totalmente pronto, nós discutimos com as equipes colaboradoras do Programa Segundo Tempo, alinhamos um pouco mais e depois o concluímos. A partir do momento que o material foi concluído, constituímos um grande grupo para trabalhar com o processo de cursos de extensão no Mais Educação. Foi o trabalho com o Esporte da Escola. A partir da constituição desse grupo, fizemos uma capacitação demonstrando toda a lógica do material, como que ele foi construído, organizado e como eles poderiam replicar por todo o país nos diversos cursos organizados. Participaram dos cursos do Esporte da Escola mais de sete mil professores por todo o país.

M.M. – Como estavam estruturados esses cursos para os monitores?

A.O. – Toda a nossa formação começava com uma parte teórica. Primeiro para mostrar a fundamentação, como esse material foi construído, quais são os seus objetivos, cada um dos temas tem uma exposição teórica inicial. Depois, nós tínhamos dois dias de momentos práticos. Inicialmente, fazíamos tudo isso dentro dos dois dias. Com o caminhar, com o avanço das possibilidades, nós começamos a exigir das prefeituras e/ou secretarias de Estado, que queriam a nossa formação, que os cursistas deveriam participar da etapa do nosso

sistema EaD². Na etapa EaD, os temas de fundamentos puderam ser tratados com mais propriedade, com mais profundidade, facilitando os dois dias das práticas. Essa estratégia foi muito positiva e facilitou o entendimento geral de que as atividades deveriam se pautar nos momentos reflexivos, avançando da prática pela prática. Ressalto aqui que todos os nossos formadores também passaram pelo processo de capacitação para o trabalho que desenvolveram por todo o país junto aos monitores. Esse foi um momento muito importante para o sucesso atingido.

M.M. - E qual a sua opinião sobre esses processos, tanto da capacitação quanto do curso de extensão?

A.O. - Esse modelo que nós temos de EaD mais presencial é o que nós adotamos hoje, inclusive para o Programa Segundo Tempo como um todo. Ele é ótimo, só que o nosso professor ainda tem certa dificuldade com as mídias, por enquanto. Mas já melhorou muito de quando nós começamos esse processo. Hoje já está bem mais facilitado, então, isso também facilita nossa intervenção prática, porque ele já tem um entendimento da lógica do que nós queremos com esse material e os propósitos estabelecidos, fica bem mais facilitado. Para aquele momento, quando a gente tinha mais a questão das vivências, eu vejo assim: Ela é muito importante, mas é um curso de extensão e que eu não posso com dois dias entender que eu vá fazer uma mudança significativa, conceitual ou prática desse sujeito; eu dou ali alguns indicativos, a gente tem que ter clareza disso, que não vai superar um quadro histórico ou biográfico que ele já tem em relação ao esporte. De repente, aquilo é um alento, ele tem uma nova perspectiva, mas se ele não se envolver, se ele não participar efetivamente, ler atentamente os materiais, se ele não experimentar coisas diferentes, não utilizar os nossos recursos, pode ser que não avance. Então, essa é uma exigência para avançarmos, mas o fato de o MEC não exigir que o trabalho seja

² Ensino à Distância.

desenvolvido por profissionais graduados complica bastante esse quadro. E aí, esses cursos de extensão atuam mais como estimuladores a leitura, aproximação com os temas, curiosidades de como as práticas corporais podem ser trabalhadas e exigem conhecimento. Para o Programa Segundo Tempo, isso é muito bom porque a gente já tem um profissional que vem com uma bagagem de formação universitária. Quando ele chega para o nosso material, ele tem até pontos críticos em relação ao material, discussões e tal, isso é muito bom porque daí é só um nivelamento, é um alinhamento da proposta que nós temos. Quero aproveitar para destacar que todo o material que disponibilizamos não deve servir como receita, ele é apenas estimulador e fonte de consulta para os trabalhos que os envolvidos têm com as crianças. Todos podem alterar, sugerir e enriquecer o que ali está apresentado. O professor tem autonomia para tocar a prática dele, então, o nosso material é mais um aporte ou um suporte para ele. Na lógica do Programa Segundo Tempo, eu vejo como uma perspectiva fantástica. Mas, naquela estrutura que a gente tinha no Programa Mais Educação, acho frágil. Mas eles estão revendo e acho que a coisa talvez volte com outro formato, espero eu que com profissionais qualificados para isso. Hoje, nós estamos atendendo as prefeituras que têm o interesse com o programa e muitas estão ligando, querendo o curso para os professores de suas secretarias de Educação e de Esporte. Mas é nessa lógica que eu te falei, com profissional qualificado, para professores que já estão atuando na escola, que têm uma Educação Física sistematizada e que aproveitam o nosso material, aí para nós é fantástico, é a maior alegria.

M.M. – Quais são os pontos positivos que você pode mais indicar do Esporte da Escola?

A.O. – Toda a proposta pedagógica organizada para o Esporte da Escola é uma referência nacional, como eu te disse. Então, esse é um grande ponto positivo, que a gente está resgatando o trabalho com o esporte qualificado dentro da escola, não negando essa manifestação cultural

que é importante para ser trabalhada no setor educacional. O que fizemos com o Programa Segundo Tempo e o que nós fortalecemos com o Esporte da Escola é exatamente isso. Estamos aprendendo como dialogar com o professor que está na escola, que a gente também tem que aprender e aprender a elaborar materiais didáticos que sejam acessíveis a ele, que ele consiga absorver esses materiais, que ele consiga experimentar esses materiais, então, isso é um grande ponto positivo do que nós tivemos até agora com o Programa e acho que ele tem sido referência para os cursos de graduação de Educação Física, tem sido referência para as secretarias estaduais e municipais de educação. Isso para nós é o grande ponto positivo da proposta e uma valorização do projeto social também porque é um projeto social muito sério e qualificado. Acabamos de ter um edital público aberto para propostas novas do Programa Segundo Tempo, do Paradesporto, do PST Universitário. Tivemos mais de 1700 propostas dos municípios, ou seja, mais de 30% dos municípios brasileiros querem o Programa Segundo Tempo, essa é uma resposta extremamente positiva do que nós estamos semeando há mais de dez anos e mesmo com o revés político que sofremos nos últimos três, quatro anos, a gente se mantém forte com essa proposta.

M.M. - E quais seriam os pontos frágeis encontrados no Esporte da Escola?

A.O. - Talvez os pontos frágeis ainda estejam vinculados à falta de envolvimento um pouco maior do nosso profissional, em relação ao Esporte da Escola. O ponto frágil foi termos pessoas que não tinham vínculo com a escola, esse foi um ponto extremamente frágil no meu entender e que a gente precisava superar. Outro aspecto frágil é relacionado à burocracia para a continuidade do Programa. A cada ano há dúvida se o mesmo terá continuidade ou não, se a escola será contemplada ou não. Isso acaba por desmotivar a direção e toda a estrutura nos pleitos. Sem considerar as crianças, as mais afetadas,

pois podem ter isso num ano e no outro não. Essa é uma fragilidade no Esporte da Escola e no PST como um todo. Temos feito gestões com os coordenadores da SNELIS³ e do MEC, mas não se trata de uma tarefa fácil, a burocracia ainda é muito grande.

M.M. – E pensando num papel de inclusão social do Esporte da Escola, como isso estava inserido nessas propostas pedagógicas?

A.O. – Olha, toda nossa proposta do Esporte da Escola ou do Esporte Educacional como um todo visa a inserção, visa a inclusão. A inclusão nas atividades e programações do Esporte da Escola e do Esporte Educacional como um todo é plena porque todos têm direito a isso e quando a gente oferece o Programa não se limita e não limita ninguém. Quanto ao aspecto da inclusão social, a gente não tem dados para te falar: “Olha a gente consegue efetivamente incluir o garoto ou a garotinha dentro da sua sociedade ou na sua lógica”. O que temos são depoimentos esparsos e individualizados, sem um rigor de coleta efetivo. A nossa equipe de avaliação está criando instrumentos para avaliações qualificadas de como o projeto ou programa faz a diferença nas comunidades, mas ainda não temos dados para além do que a Equipe da Professora Eustáquia⁴ da PUC⁵ de Minas desenvolveu, por intermédio de uma pesquisa financiada pela Rede Cedes. Dados muito favoráveis a todas as ações desenvolvidas pelo Programa Segundo Tempo e pelo PELC⁶. Mas temos uma fragilidade de continuidade com o Programa, como já destaquei. Ele não é renovado continuamente, há interrupções que o fragilizam e qualquer projeto social que você desenvolver tem que ter um nível de continuidade de quatro, cinco anos para ele possa afirmar: “Olha, fizemos a diferença para essa ou para aquela comunidade”. A gente não tem isso, porque a gente não temos continuidade com o Programa e isso complica muito. Não temos dados

³ Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social.

⁴ Eustáquia Salvadora de Sousa.

⁵ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

⁶ Programa de Esporte e Lazer da Cidade.

que venham a nos garantir a nossa participação efetiva na inclusão social, por outro lado, temos que entender também que o esporte é apenas um elemento, ainda pequeno no meu entender, para que sozinho possa fazer a diferença. Sem dúvida é um recurso muito forte, mas precisa estar amparado por tantas outras políticas públicas de apoio. Ou seja, eu passo ali no máximo quatro, seis horas com a criança na semana e aí a outra ala, nem sempre muito positiva, passa o resto do tempo. Então, é o que a gente sempre fala com os docentes que atuam conosco: “Olha, tudo bem, sabemos dessa nossa fragilidade, portanto, a qualidade do material e qualidade das nossas aulas tem que ser muito boa para cativar esse garoto para as ações sociais que a gente está querendo dizer, de inclusão, de emancipação, de respeito ao próximo, todos os princípios básicos do Esporte Educacional”. Podemos colocar assim, como uma luta muito diferenciada, nós temos uma condição ou tiro muito pequenininho frente a uma outra força que está por aí, então, a qualificação tem que ser muito boa.

M.M. – E quais contribuições que essa experiência do Esporte da Escola trouxe para você como profissional?

A.O. – [risos] É sempre muito interessante, como diz o Paulo Freire: “A partir do momento que você deixa de ser curioso, de querer aprender, está na hora de pegar o chinelo e ir embora”. E, felizmente, ainda tenho muita curiosidade e muito por aprender. É uma realização pessoal, é uma realização profissional, a cada dia que a gente vivencia as novas ações, as novas experiências, a gente vai crescendo como pessoa e como profissional porque vai também angariando conhecimentos e experiências que nem sempre a academia nos possibilita. Na verdade, a vida acadêmica é muito rica, mas a vivência em construir uma política pública, colocá-la em execução é uma coisa que realmente é um desafio. Ainda mais para um país como o nosso, das dimensões que ele tem, com a heterogeneidade que ele tem, com as diferenças sociais que nós temos no nosso país. Isso é um desafio contínuo, pois para cada parte

do nosso país há uma forma de relação e de tratamento. Isso é fantástico. O fato de poder colocar tudo aquilo que a gente imaginava para o esporte, a riqueza do esporte e tentar apresentar nossos materiais pedagógicos, essa oportunidade é uma oportunidade ímpar, poder contar com a colaboração de muito pesquisadores do Brasil... Na verdade, contamos com pesquisadores de todas as áreas e a gente conseguiu um avanço também, porque daí a gente colocou o pessoal da aprendizagem motora, da pedagogia do esporte, do treinamento esportivo, da biomecânica, da área da saúde, todo mundo junto para trabalhar conosco e fomos aprendendo como cada uma dessas áreas, subáreas, podem contribuir na estruturação de uma proposta que seja rica para as nossas crianças. Essa é a grande realização, aprendizado e legado que esses Programas estão deixando.

M.M. – Muito obrigada por suas contribuições, professor Amauri. Tem alguma pergunta que eu não te fiz, mas que você queira contemplar com suas palavras sobre algum assunto do próprio do Esporte da Escola?

A.O. – Não... Eu vejo que por enquanto é isso. Qualquer coisa eu complemento depois para você.

M.M. – Obrigada por sua contribuição, professor Amauri!

EQUIPE TÉCNICA DO ESPORTE DA ESCOLA

Para a organização dos Cursos de Extensão do Esporte da Escola, o Ministério do Esporte constituiu uma equipe técnica para prestar assessoria aos municípios sedes no que se refere aos procedimentos administrativos. Esta equipe era responsável por acompanhar os cursos desde a sua estruturação até sua realização envolvendo ações como: encaminhamento do material didático-pedagógico para os monitores composto quatro livros; realização de contato com os gestores dos municípios e com os formadores de cada curso; produção de relatórios. Essa equipe também atuava na elaboração de editais, de diretrizes e de orientações do Programa.

Como fins informativos, citamos ainda a existência de equipes técnicas dos municípios além da equipe de acompanhamento à distância do PST. As funções das equipes dos municípios, grosso modo, estavam focadas na oferta da alimentação para os participantes dos cursos e na garantia de estrutura física e materiais para a realização das aulas teóricas e práticas.

A equipe de acompanhamento, relacionada às ações pactuadas pela parceria entre a UFRGS e o Ministério do Esporte/SNELIS, era responsável pela organização à distância dos cursos de extensão e das visitas às instituições onde eram realizados assim como pela elaboração do cronograma, dos acordos e das regras de convivência e dos resultados esperados.

Para entender melhor o funcionamento da equipe técnica do Ministério do Esporte, realizamos entrevistas e enviamos questionários que foram respondidos por pessoas que atuaram no Esporte da Escola.

Amanda Corrêa Patriarca Athayde



Local e data: Brasília, 10/06/2017

Contato do CEME: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Graduação em Educação Física (UFG, 2009), Especialista em Educação Física Escolar (UnB, 2011), Mestrado em Educação Física (UnB, 2012). Professora do Instituto Federal de Goiás – Campus Luziânia; Membro do Grupo de Pesquisa e Formação Sociocrítica de Educação Física, Esporte e Lazer (AVANTE - UnB); Coordenadora de Área do Projeto de Acompanhamento do Programa Segundo Tempo e Programas de Esporte Educacional entre a UFRGS e o Ministério do Esporte (até março de 2017) – responsável pela parte pedagógica do acompanhamento dos convênios do PST, bem como de outras ações relacionadas às políticas de Esporte Educacional do ME (tais como o Esporte da Escola e outras parcerias intersetoriais); Coordenação dos cursos de extensão de monitores do Esporte da Escola – parceria com o MEC, via Programa Mais Educação (durante o ano de 2015).

Questionário

Mayara Maia (M.M.) – Olá, Amanda! Agradecemos por sua disponibilidade em nos responder. Primeiramente, você poderia contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Amanda Athayde (A.A.) - Em 2015, retornei ao Ministério do Esporte (primeiro momento em 2012-2013) na então CGIPI – Coordenação Geral de Integração de Políticas e Programas Intersectoriais, agora CGEE – Coordenação Geral de Esporte e Educação. Esta coordenação é responsável na SNE LIS pelas ações relacionadas ao Esporte Educacional. A parceria do ME com o MEC, então, já estava firmada, ficando a cargo do ME o curso dos monitores que desenvolveriam a atividade Atletismo/Múltiplas Vivências – Esporte da Escola, bem como a distribuição de material pedagógico (Práticas Corporais) para subsidiar o trabalho desses monitores nas escolas que aderissem a tal atividade. Com minha inserção nesta coordenação, uma de minhas funções era a de organizar junto às Secretarias de Educação (estaduais e municipais) a realização de cursos de extensão dos monitores, buscando garantir que todos os municípios fossem contemplados, separando-os em polos para a realização dos cursos.

M.M. – Que atividades que você desempenhava no Programa?

A.A. - Minha função era Coordenadora de Área, com inserção dentro do Ministério do Esporte, responsável pela realização dos Cursos de Extensão do Esporte da Escola em estados específicos: Amazonas, Amapá, Rio Grande do Norte e Goiás.

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

A.A. - Durante o ano de 2015, participei de vários cursos em vários estados (não só os que eu era responsável pela articulação dos cursos) em todas as regiões do país. De maneira geral, os cursos de extensão ocorriam em dois dias, em que os professores e os conteúdos eram divididos para o melhor aproveitamento do tempo e dos espaços disponíveis, de modo a abarcar de maneira teórica e prática os quatro livros da coleção Práticas Corporais e, ainda realizando uma oficina

para ensinar os monitores a planejar suas atividades de acordo com o tempo de atuação do projeto, para que os conteúdos tenham continuidade e extrapole o “rolar bola” sem objetivo pedagógico.

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

A.A. - Não realizei avaliação. Havia uma equipe específica para essa atividade.

M.M. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

A.A. - Todos os cursos de certa forma são marcantes e significantes para quem está acostumado a “pensar” a política pública e se ater aos procedimentos burocráticos. Então, quando se tem acesso à ponta e se percebe a real importância do trabalho desenvolvido “atrás das mesas”, passa-se a enxergar o impacto das políticas sociais realizadas de maneira séria e comprometida. Os cursos que eu mais gostava eram os realizados nas cidades do interior dos Estados, pois eram (em geral) os locais onde os monitores tinham menos formação acadêmica e, portanto, tinham maior interesse em aprender e onde víamos os relatos de maior impacto da política na vida dos alunos/beneficiados. Um curso realizado em Ijuí (RS) contou com a participação do professor Fernando Gonzalez, que é um dos principais autores da Coleção Práticas Corporais e foi muito rico contar com sua presença e seus relatos.

M.M. - Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

A.A. - Os cursos de extensão, em especial os presenciais, são motivos de minha admiração! Os vejo como um tempo-espço riquíssimo de aprendizado e de troca de experiências. A prerrogativa do MEC era que os monitores fossem voluntários e, portanto, não exigia nenhuma formação inicial em Educação Física (o que eu não enxergo como demérito nenhum, pois é proporcionar que a escola abra suas portas para a comunidade e, dessa forma é que as políticas educacionais têm mais possibilidades de êxito, com a integração comunidade-escola). Muitas localidades não possuem acesso ao conhecimento sistematizado e a realização do curso proporciona que esse monitor tenha acesso a esse conhecimento de forma lúdica e desmistificada, pois a linguagem desse material é muito acessível e a organização dos cursos em oficinas é muito rico para mostrar que é fácil organizar atividades lúdicas, criativas e que tenham objetivos pedagógicos e de reflexão crítica.

M.M. - Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

A.A. - Eu gostava muito de como o Esporte da Escola funcionava: Monitores que não eram obrigados a ter formação em EF – integração da comunidade dentro das escolas; Equipes Colaboradoras regionalizadas para dar atendimento mais próximo (e com a compreensão das especificidades locais) aos monitores/escolas); Distribuição do material pedagógico aos monitores; Curso separado em oficinas relacionadas aos quatro livros da Coleção; Momentos teóricos para complementar as oficinas e melhor compreender os livros, para que os monitores tivessem condições de manuseá-los e compreendê-los sozinhos em suas atividades rotineiras; Espaço dedicado ao Planejamento das atividades com os monitores; Complementação do Curso de Extensão pela plataforma EaD.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

A.A. - A principal limitação é a descontinuidade orçamentária para liberação dos recursos para as escolas, que acabavam paralisando as atividades e a troca de gestão do Governo Federal que não deu continuidade às ações já planejadas entre ME-MEC e, lançou “outro” Programa que não contemplou as ações como eram realizadas, nem mesmo a concepção central de educação integral da política.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

A.A. - Não tenho dúvidas de que cumpria, pois proporcionava a muitos estudantes o acesso qualificado ao conhecimento e à escola, garantindo sua formação integral – para além do tempo de permanência na escola. Formação integral no sentido humano de integralidade a partir do acesso ao conhecimento sistematizado, às artes, ao esporte, ao lazer, etc... Garantia aos beneficiados o acesso aos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade.

M.M. - Professora Amanda, você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

A.A. - Acredito que a compreensão do Esporte da Escola não pode estar dissociada da compreensão ampla do Programa Mais Educação, que seu objetivo era o de indução de uma política efetiva de educação integral, para além do tempo de permanência na escola. Mas compreendendo o aluno enquanto ser humano e, a preocupação com a formação deste em sua integralidade. Não é só o acesso ao esporte, mas também à arte e a vários outros conteúdos para melhor desenvolver todas as capacidades mentais e motoras dos beneficiados e, principalmente, focando na reflexão crítica desse beneficiado, para que

este tenha autonomia de pensamento e se perceba enquanto participante de uma sociedade maior... esse é o papel maior da Educação!

M.M. - Obrigada por sua contribuição, professora Amanda!

Marcela Asfora Lira



Local e data: Brasília, 15/04/2017

Contato do CEME: Mayara C. Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Formação em Direito (UNICAP, 1997); Especialização em Gestão Comercial (UniCesumar, 2017). Atua desde 2012 como Coordenadora de Área (Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social) – Ministério do Esporte, responsável por diversas funções como organização e estruturação junto à coordenação do setor de ações necessárias aos processos de capacitação e acompanhamento dos programas, bem como de seu desenvolvimento; mapeamento da Distribuição Regional de escolas para o processo de capacitação e acompanhamento das Equipes Colaboradoras; auxílio na definição do fluxo das ações internas e vinculadas ao MEC e participação em eventos, a fim de subsidiar ações internas e acompanhamento.

Questionário

Mayara Maia (M.M.) - Olá, Marcela! Agradecemos por sua disponibilidade em responder este questionário. Primeiramente, você poderia contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Marcela Lira (M.L.) – De 2012 a março de 2017 estive no Ministério do Esporte como bolsista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e lá iniciei o trabalho na formalização dos Convênios do PST, em seguida participei do processo para estabelecer a parceria entre ME e MEC, a qual resultou no Esporte da Escola.

M.M. – Que atividades que você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

M.L. – O papel que desempenhei era de Coordenadora de Área, ou seja, Coordenação vinculada à estruturação e implantação do Programa Segundo Tempo Padrão e Esporte da Escola e estruturação junto à coordenação do setor ações necessárias aos processos de capacitação e acompanhamento dos programas, bem como de seu desenvolvimento; Elaboração de Relatórios de Gestão e Balanços da coordenação; Assessoramento nas ações relativas aos programas sob a sua gestão; Elaboração de Editais, Diretrizes e Orientações Estruturantes aos parceiros.

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

M.L. – Sim. Atuei em: Caetité (BA); Dourados (MS); João Pessoa (PB); Jaboatão dos Guararapes (PE); Recife (PE); Caruaru (PE); Garanhuns (PE); Ilhéus (BA); Juiz de Fora (MG); Dourado (MS); Colatina (ES); Patos (PB); Bayeux (PB); Santa Rita (PB); Caicó (RN); Nova Cruz (RN); Lagarto (SE).

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

M.L. – As visitas foram feitas pelas Equipes Colaboradoras.

M.M. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

M.L. – Todos os cursos de alguma forma foram importantes, mas é bem verdade que alguns se destacaram por motivos diferentes, por exemplo: Caetité, terra de Anísio Teixeira, cidade pequena, mas engajada, desenvolve o Mais Educação, e conseqüentemente o Esporte da Escola com excelência, impressionante o envolvimento da Comunidade; Caruaru e Garanhuns, ambos municípios em Pernambuco, foram recordes de público nos cursos; entre tantos outros cursos.

M.M. - Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

M.L. – A proposta inicial do Programa Esporte da Escola era capacitar os monitores, voluntários do Programa Mais Educação, pois bem, e assim foi feito, mas sempre que estávamos no local da formação ouvíamos o quão era difícil trabalhar com a rotatividade que existia dos monitores. Desse modo, o ME e o MEC decidiram que a melhor forma de manter o programa Esporte da Escola funcionando com eficiência, era ampliar essa formação aos professores da rede, e assim foi feito. Vale a ressalva que a estratégia foi muito bem recebida pelas escolas, inclusive a adesão das escolas ao macrocampo Esporte da Escola aumentou consideravelmente, aja vista o sucesso dos cursos.

M.M. - Que pontos destacaria como positivos do Esporte da Escola?

M.L. - Posso enumerar vários pontos: a grande abrangência de escolas que foram atendidas pelo Programa; a qualidade do curso que eram disponibilizados; o material didático e o certificado entregue aos capacitados; o retorno positivo nas avaliações dos professores que participaram do curso; a mobilização dos municípios para que a formação acontecesse e, tantos outros.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

M.L. - Infelizmente, as dificuldades encontradas são inerentes a nossa realidade brasileira, ou seja, falta de qualificação dos profissionais, insuficiência de recurso para as estruturas das escolas públicas, má gestão dos governos, entre outros.

M.M. - Na sua opinião o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

M.L. - Sim. Foi um programa disseminado entre as redes públicas municipais e estaduais, eram por meio das escolas que eram feitas as adesões, não existia a burocracia inerente à formalização de um convênio. O sistema era liberado a todas às escolas, só havia restrição por motivo financeiro, quando a escola por algum motivo tinha a prestação de contas reprovada.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

M.L. - É lamentável que um programa com tamanha abrangência e eficiência tenha ido por água a baixo; é bem verdade que a irregularidade do envio de recursos, e muitas vezes a falta dele, paralisou muitas atividades, mas infelizmente faltou vontade política de dar prosseguimento ao Programa. Ademais, o Ministério do Esporte poderia ter remodelado a estrutura do macro campo, e dar seguimento ao Esporte da Escola, entretanto não foi considerado prioridade para atual gestão.

M.M. - Obrigada pela sua contribuição, Marcela!

EQUIPE DE FORMAÇÃO DO ESPORTE DA ESCOLA

Os formadores do Esporte da Escola representavam o grupo de professores que ministrava os cursos de extensão presencial e/ou à distância. No sentido de qualificar os cursos de extensão presenciais, era obrigatório que os formadores fossem graduados em Educação Física ou Esporte, sendo docentes efetivos de instituições públicas de ensino superior ou acadêmicos de cursos de pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado) na área requerida ou nas demais áreas afins, as quais também oportunizariam aumento do nível de conhecimento do profissional e contribuiriam com a atividade do Esporte da Escola.

Os professores já atuantes das Equipes Colaboradoras (ECs⁷), do Programa Segundo Tempo padrão, posteriormente também foram convidados a se juntar para trabalhar na atividade do Esporte da Escola devido à demanda de cursos por todo o Brasil a ser superior ao alcance das agendas do primeiro grupo.

Os formadores dos cursos de extensão presenciais conferiam os locais de realização dos cursos; preparavam e ministravam as aulas teóricas e práticas dos cursos; visitavam algumas das escolas contempladas com o Esporte da Escola; solicitavam o preenchimento de questionários avaliativos em campo durante as visitas e realizavam relatórios dos cursos e das visitas.

Quanto aos cursos de extensão à distância do Esporte da Escola, eles ainda acontecem com frequência menor e com foco em práticas corporais específicas que surgem para a organização. As equipes de tutores virtuais são as responsáveis pela mediação pedagógica, avaliação das atividades e motivação dos participantes.

Nessa plataforma da Atividade Esporte da Escola também estão disponíveis materiais educacionais digitais. As discussões buscam

⁷ Por intermédio da parceria firmada com universidades públicas, o Ministério do Esporte mantém uma rede de profissionais do Programa Segundo Tempo por meio de equipes nacionalmente constituídas e coordenadas por professores mestres/doutores ligados a Instituições de Ensino Superior, denominadas Equipes Colaboradoras (ECs).

prioritariamente promover a relação entre os conteúdos teóricos e os apontamentos provenientes do cotidiano de suas práticas.

Para entender melhor o funcionamento da equipe de formação realizamos entrevistas e enviamos questionários que foram respondidos por pessoas que atuaram no Esporte da Escola.

Allyson Carvalho de Araújo



Local e data: Natal, 20/06/2017

Entrevistadora: Bruna Priscila Leonizio Lopes

Transcrição: Bruna Priscila Leonizio Lopes

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 42 minutos

Minicurrículo

Graduação em Educação Física (UFRN, 2004), Mestrado em Educação (UFRN, 2006) e Doutorado em Comunicação (UFPE, 2012). O envolvimento com a Educação Física veio anterior a formação, na perspectiva de atleta amador e não se desvinculou da área, inclusive com formação profissional e atuação. Faz parte do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento; coordena o Laboratório de Estudos em Educação Física, Esporte e Mídia (LEFEM).

Entrevista

Natal, 20 de junho de 2017. Entrevista com Allyson Carvalho de Araújo a cargo da pesquisadora Bruna Priscila Leonizio Lopes para o Projeto Memórias do Programa Segundo Tempo do Centro de Memória do Esporte.

Bruna Lopes (B.L.) - Olá, professor Allyson! Você poderia nos contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Allyson Araújo (A.A.) - Meu envolvimento com o Esporte da Escola se inicia num processo de transição onde, a partir de uma articulação do Ministério do Esporte, ainda na estrutura do Programa Segundo Tempo com o Ministério da Educação dentro do Programa Mais Educação, começou a afinar alguns tipos de ações, ajustando para que um pouco da expertise do Programa Segundo Tempo migrasse para o macro campo Esporte e Lazer, dentro do Programa Mais Educação, configurando assim, portanto, o Esporte da Escola. O Esporte da Escola começou como uma das possíveis atividades do macrocampo Esporte e Lazer, até depois tomar uma proporção um pouco maior e tomando esse macrocampo da sua inteireza. E eu participei desde o princípio da confecção desse material. O material contou com a assessoria. O material a que me refiro é o material pedagógico que deu suporte a estruturação. Ele começou com a assessoria da professora Suraya Darido e do professor Fernando González, colaborando com a estruturação para pensar essa nova estrutura e como a gente poderia migrar. Algumas coisas foram mais complicadas estruturalmente, porque, por exemplo, o Programa Segundo Tempo já fazia uma estruturação balizada em profissionais de Educação Física ou pessoas em formação com a Educação Física. O Esporte da Escola por também compor um programa maior dentro do Ministério da Educação, que era o Mais Educação, permitia que um monitor fosse simplesmente alguma pessoa que fosse vinculada à dinâmica escolar e que não necessariamente fosse um profissional da área. Nessa estruturação algumas coisas tiveram que ser adaptadas. A própria noção de como se trata o esporte, não por modalidade, e sim por dinâmica tática, foi uma modificação que mexeu estruturalmente com a forma com que se ensina esporte, acho que não só dentro do Programa, mas de uma forma mais geral no Brasil. E aí, meu envolvimento começa exatamente nisso, desde o processo de criação de um suporte por fazer parte das

Equipes Colaboradoras do Ministério do Esporte, eu colaborei um pouco nas reflexões que deram estrutura a proposta pedagógica do Esporte da Escola.

B.L. – Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

A.A. - Enquanto atividade dentro do Programa, eu sempre participei como membro de uma equipe pedagógica que no Programa Segundo Tempo, chamava Equipe Pedagógica 3 que atendia os convênios do Segundo Tempo e as escolas vinculadas ao Esporte da Escola nos Estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba e algumas cidades também no Ceará. Então, minha função dentro dessa Equipe, a princípio, era vice coordenador de Equipe, mas sempre fui formador, ficava responsável por avaliar projetos pedagógicos do Esporte da Escola, fazer a formação e acompanhar também algumas das atividades lá colocadas.

B.L. – Você participou de algum processo de capacitação ou cursos? Se sim, pode nos descrever como aconteciam os processos de capacitação que você participou?

A.A. - Eu participei de vários processos de capacitação e cursos, tanto onde eu era capacitado, sobretudo, quando o grupo de pesquisadores e professores no Brasil ainda estava se apropriando da nova estrutura que mudava um pouco a linguagem, a forma de pensar o ensino do esporte, quanto também como formador de profissionais que estavam envolvidos. Bem no princípio nós tínhamos cursos e foram em volume interessante, regionalizados e boa parte aqui na capital do Rio Grande do Norte, Natal. Nós compilamos várias formações em sequência, aqui na UFRN. E eu me lembro que foi um semestre extremamente cheio de atividades porque cada uma delas contava com um entorno de 100 pessoas e nós tivemos um montante significativo. Evidentemente

também existiram em outros locais porque não era possível trazer todos os sujeitos envolvidos até aqui; então nós tivemos formação em Encanto, em Assú, em outras cidades do interior do Rio Grande do Norte. Todas tinham a mesma estrutura no que diz respeito aos conteúdos a serem trabalhados e no que diz respeito aos momentos de formação. Evidentemente eles se diferenciavam por elementos logísticos, por exemplo: disponibilidade de espaço físico ou de materiais, essas questões eram modificadas em regiões e regiões. Me lembrei especificamente de um primeiro curso, que ele foi inclusive um curso... Já tentando responder à questão mais a frente, que se teve alguma coisa que chama atenção... O curso que eu participei do Esporte da Escola, foi um curso inclusive piloto, que aconteceu na cidade de Bayeux, na zona metropolitana de João Pessoa. Esse curso aconteceu antes mesmo do Programa ser lançado e era uma forma de tentar testar a estrutura pedagógica que estava sendo pensada nos livros do Esporte da Escola.

B.L. - Você realizou visitas para avaliar escolas que atuavam com o Esporte da Escola? Se sim, pode nos descrever como acontecia essa avaliação?

A.A. - Eu realizei poucas avaliações *in loco*, fiz muito mais do Segundo Tempo. E eu percebia uma fragilidade no processo de visitação por questões, para mim muito nítidas, que era a formação dos sujeitos, ao qual se colocava lá. Se a proposta pedagógica já era um avanço para estudantes e profissionais de Educação Física no pensar a reestruturação do ensino do esporte e que o avanço - não é que fosse algo difícil, mas era algo que superava um paradigma de como o esporte é colocado socialmente - imagine que uma pessoa que não teve essa reflexão anterior de uma crítica ao modelo esportivo. Então, muitas vezes a gente chegava em visitas e essas visitas não refletiam a proposta pedagógica do Esporte da Escola. Evidentemente que isso não é um privilégio somente do Esporte da Escola, isso acontece em "n" situações;

na Educação Física Escolar, acontecia no Segundo Tempo; e evidentemente isso tem um período de amadurecimento para cristalizar uma nova forma de ensinar esporte, contudo, infelizmente o Esporte da Escola não teve tempo dessa maturidade, mas nós éramos sempre muito bem atendidos na escola, nós éramos aguardados como aquelas pessoas que poderiam colaborar com o processo e assim o fazíamos mesmo, mas a percepção era de fato de uma fragilidade muito severa nos processos pedagógicos.

B.L. - Aconteceu algum curso mais significativo que lhe marcou? Você pode nos contar por quê?

A.A. - Eu acho que o mais significativo para mim foi na cidade de Encanto, interior do Rio Grande do Norte. E ele foi significativo porque talvez seja uma experiência muito singular minha. Quanto menos espaço de formação as pessoas têm, mais sedentas por formação elas são; e como Encanto representa um território que talvez seja um território geograficamente mais distante da cidade do Natal, da capital, onde via de regra se estabelecem as maiores conexões com outros espaços de formação, o grupo do Encanto era muito carente, e exatamente por isso faiscavam dos olhos desses sujeitos interesse por qualquer atividade ou depoimento ou ensinamento que pudesse sair da boca dos formadores. Eu lembro que nessa formação estávamos eu, a professora Maria Aparecida Dias, a professora Dandara⁸, não me lembro se o professor Pereira⁹ estava... Foi muito interessante, porque ao mesmo tempo que existia uma disponibilidade muito grande dos sujeitos lá em formação, existia também uma percepção clara do interesse e o quanto isso motivava nós, formadores, em estarmos naquela formação, o que quase diluía o fator cansaço de se estabelecer mais de seis horas de viagem para chegar lá e também para voltar por consequência.

⁸ Dandara Queiroga de Oliveira Sousa.

⁹ José Pereira de Melo.

B.L. – Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

A.A. - A minha opinião é que eu entendo de uma demanda de uma política pública de dimensão nacional de tentar pluralizar as ofertas de formação o quanto fosse possível, mas eu entendo que ações como essa em alguma medida, quando a gente quantifica e pluraliza demais, a gente também perde a oportunidade de estabelecer uma qualidade desse debate. Com isso eu não estou querendo considerar que o processo dos cursos não era de qualidade, que se assim o fizesse, eu estaria jogando inclusive contra o meu próprio trabalho, não quero dizer isso, mas quero dizer que quando a gente trabalha com pessoas que não tem uma formação, ou seja, um *background* específico para trabalhar sobre o processo de ensino e aprendizagem no esporte, a gente também precisa de um tempo de maturar algumas ideias com essas pessoas, e eu acho que o processo dos cursos era um processo extremamente rico, mas ele conseguia muito mais despertar os sujeitos sobre outras formas do que de fato fidelizar neles uma ideia mais coerente ou coesa de como se ensina esporte na perspectiva do Programa Esporte da Escola.

B.L. – Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

A.A. - Para mim, o principal ponto positivo é porque ele quebra em sua proposta metodológica com uma estrutura, um modo operante de ensinar esporte que é tributário ainda do século passado, então assim, a representação social, as formas de ensino, as questões majoritárias de ensino do esporte ainda são de uma tradição do século passado e estou falando talvez da primeira metade do século passado; e a proposta metodológica do Esporte da Escola quebra com essa possibilidade, ao meu ver em dois aspectos: o primeiro aspecto, de uma compreensão de uma visão mais ampliada de esporte que não se restringe a um conceito

tal como trabalhado na noção de esporte moderno, e assim, ele abre para outras noções de práticas corporais, inclusive práticas corporais não tão tradicionais da Educação Física, como atividades circenses por exemplo. Para mim, esse é um elemento que quebra uma estrutura e o outro aspecto é composto pelos esportes tradicionais; ele não coadunou com a tradição de ensino tecnicista, e nesse aspecto quando se usa uma estrutura de ensino que não parte da técnica para tática, mas o inverso da questão situacional tática para questão técnica, eu acho que isso é uma ruptura que apesar de não ter uma sofisticação tão absurda, tem uma implicação pedagógica severa. Então, talvez esse seja também um ponto positivo que eu acho fantástico na formação do Esporte da Escola.

B.L. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

A.A. - Eu penso que é essa coisa do “aligeiramento” da formação e da dificuldade dos próprios sujeitos que estavam em formação. Muitas vezes eram pessoas que não tinham o Ensino Médio, eram pessoas com o Ensino Fundamental, um ex-atleta que já vinha com um ranço de uma representação de esporte anterior ou um pai de algum aluno, algum conhecido da diretora, enfim... Todos esses elementos, ao meu ver, fragilizam o processo legítimo de formação para o ensino do esporte, para mim essa era a maior dificuldade.

B.L. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

A.A. - Eu acho que ele colabora. Dizer que ele cumpre o seu papel de inclusão social é algo muito severo, porque a inclusão social não se dá apenas pela prática corporal, muito menos por uma prática corporal específica, que é o esporte. A inclusão social é um movimento, uma demanda muito mais ampla que vem também por outros elementos.

Talvez então a pergunta não fosse se o Esporte da Escola cumpriu seu papel de inclusão social, mas se o Mais Educação, ao colaborar com o processo educacional, colabora com o processo de inclusão social. E infelizmente, pegando esse bojo muito mais amplo, eu acho que ainda estamos caminhando, acho que a resposta não pode ser sim, mas também não pode dizer que não fizemos nada, estamos caminhando. Eu penso que é muito difícil afirmar que o esporte cumpre seu papel de inclusão social porque botou alguns garotos para aprender alguma modalidade ou alguma questão, por mais pedagogizada que tenha sido essa ação. Acho reducionista pensar dessa forma.

B.L. - Professor Allyson, o senhor gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

A.A. - Eu gostaria de dizer que o Esporte da Escola teve a sua importância para a área, e acho que a sua principal contribuição são as obras que ficam dele porque, infelizmente, nos campos de intervenção a gente vê pouco reverberação dele hoje em dia. Na época em que ele estava em plena atividade até víamos mais, mas a própria produção de conhecimento vinculada a ele, hoje tributa a formação de novos profissionais de Educação Física. E aí eu acho que esse elemento é um elemento que merece destaque, ou seja, ele cumpriu um papel social de mobilização da área e das ações, eu penso que é isso.

B.L. - Obrigada por sua contribuição, professor Allyson!

Andréia Laurita Vieira



Local e data: Rio de Janeiro, 10/06/2017

Contato do CEME: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Formada em Educação Física (UFRJ, 2011). Professora efetiva no Município de Japeri e professora substituta no Colégio Pedro II.

Questionário

Mayara Maia (M.M.) - O Esporte da Escola foi uma atividade de integração do Programa Segundo Tempo e do Programa Mais Educação. Você poderia nos contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Andréia Vieira (A.V.) - Entrei no Programa Segundo Tempo em 2011 e fiz parte, primeiramente, da Equipe Colaboradora 11, situada no Rio de Janeiro e coordenada pela professora Ângela Brêtas¹⁰. Depois passei a EC 25 também Rio de Janeiro, coordenada pelo professor Antônio Jorge¹¹. Em 2014, fiz parte da Equipe do primeiro curso do Esporte da Escola no Rio de Janeiro, ocorrido em abril, no Ginásio Experimental Olímpico.

¹⁰ Ângela Bretas Gomes dos Santos.

¹¹ Antônio Jorge Gonçalves Soares

M.M. – Que atividades que você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

A.V. - Era integrante da EC 25 e atuava como formadora e avaliadora no Programa.

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

A.V. - Os professores designados para as formações dividiam os conteúdos e ficavam responsáveis pela parte teórica e prática dos cursos em que atuei. As formações das quais participei foram: Araruama (RJ) em dezembro de 2015 - Ginástica e Dança; - Niterói (RJ) em novembro de 2015 – Esporte de Marca, Ginástica, Aventura; Campina Grande (PB) em dezembro de 2014 - Circo e Ginástica; Itaguaí (RJ) em novembro de 2014 – Aventura, Esportes de Invasão e Dança; - Resende (RJ) em outubro de 2014 - Dança, Aventura e Ginástica; Colatina (ES) em de setembro de 2014 – Aventura, Esporte de Invasão e Dança; Roraima em junho de 2014 – Ginástica; Rio de Janeiro (primeira formação do Esporte da Escola) em de abril de 2014 - Ginástica

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

A.V. - Sim, participei. Nos questionários, havia uma parte de entrevista com alunos e alunas, com o gestor, com o professor da escola e com professor/monitor responsável pelas práticas do Esporte da Escola.

M.M. – Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

A.V. - Roraima e Resende foram duas formações que me marcaram. Roraima por ter trabalhado com ginástica e ter compartilhado a aula com mais duas formadoras que não eram da minha equipe, a Irla¹², de São Paulo, e a Ana Luíza¹³, de Maringá. Resende por ter trabalhado a parte teórica de dança a partir de um vídeo¹⁴ que gosto muito e que possibilitou a sensibilização dos participantes para discussões sobre a função social da dança.

M.M. - Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

A.V. - Para a minha formação enquanto professora de Educação Física que atua no ensino básico, o PST e o Esporte da Escola foram dois campos que me possibilitaram muitos aprendizados. E os processos dos cursos eram interessantes do ponto de vista da troca de experiências tanto com os integrantes das ECs quanto com os participantes/monitores/professores dos programas.

M.M. - Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

A.V. - A sistematização dos conteúdos que compõem a cultura corporal de movimento e a integração com professores de outros estados.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

¹² Irla Karla dos Santos Diniz.

¹³ Ana Luíza Barbosa Anversa.

¹⁴ Referência ao vídeo “Se Ela Dança Eu Danço: JOHN LENNON DA SILVA faz JOÃO chorar”.

A.V. - A dificuldade principal era alinhar o discurso para que tanto os monitores/professores graduados em Educação Física quanto os não graduados compreendessem a proposta do EE.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

A.V. - Em relação às diretrizes do Programa, a inclusão social era um dos objetivos, mas não sei dizer na prática, pois foram poucas as avaliações que fiz nas escolas, não tendo muito acesso ao que foi desenvolvido e as opiniões dos alunos e alunas atendidos. Teoricamente, pelos números apresentados pela Equipe Pedagógica, muitas escolas foram atendidas pelo Programa, no entanto, isso não traz dados relevantes quando se trata da análise e discussão acerca da inclusão social.

M.M. - Você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

A.V. - Só dizer que o PST e o Esporte da Escola me ensinaram muito e me influenciaram pedagógica, afetiva, social e culturalmente. Foi a partir deles que comecei a criar as bases daquele que acredito ser o papel da Educação Física escolar e estruturei minha prática mediada pelas vivências nos dois programas. Foi campo fértil de trocas e experiências significativas e eu agradeço pela oportunidade de ter passado pelo Programa, ter conhecido as pessoas que conheci e hoje poder dizer como o PST e o Esporte da Escola foram importantes na minha formação profissional e pessoal.

M.M. - Obrigada por sua contribuição, professora Andréia!

A.V. - Eu que agradeço!

Ariadne Ribeiro Costa Santos



Data e local: Salvador, 18/07/2017

Contato do CEME: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Pós-Graduanda em Biomecânica Funcional do Movimento: Clínica e Esportiva – FSBA; Pós-Graduada em Medicina do Esporte e da Atividade Física (Universidade Estácio de Sá) ; Licenciada em Educação Física (FSBA). Assistente de Projetos de Turismo Esportivo na Secretaria de Turismo do Estado da Bahia; Atleta de Handebol do Esporte Clube Vitória; Auxiliar Técnica da Equipe Masculina de Handebol do Esporte Clube Vitória; Treinadora Pessoal.

Questionário

Mayara Maia (M.M.) – Ariadne, agradecemos por sua disponibilidade em responder este questionário. Primeiramente, você poderia contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Ariadne Santos (A.S.) - Recebi um convite do professor João Danilo¹⁵, Coordenador da Equipe Colaboradora 06, para participar do processo de seleção dos 40 professores que integrariam o grupo Esporte da Escola. Em julho de 2014 fui a Porto Alegre para participar do Curso, e

¹⁵ João Danilo Batista de Oliveira.

em menos de uma semana após ser capacitado, já ministrei o 1º curso Esporte da Escola no Município de Camaçari (BA).

M.M. - Que atividades que você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

A.S. - No primeiro ano, 2014, participei dos cursos como professora formadora, mas não tinha vínculo com a EC do Estado, funcionava como uma Equipe Colaboradora independente das demais. Em 2015 em um novo formato, fui integrada a Equipe Colaboradora do Estado da Bahia.

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

A.S. - Participei da capacitação em Porto Alegre em julho de 2014. O formato era parecido com o que utilizava nos cursos para os monitores do Esporte da Escola: Abertura, aplicação de perfil, aulas teóricas e práticas de acordo com os temas propostos pelo Ministério do Esporte - Esportes Coletivos, Atletismo, Ginástica, Dança, Atividades Circense, Capoeira, Lutas, Práticas Corporais de Aventura, entre outros, sendo que 40% Teoria e 60% prática - avaliação e relatório do curso.

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

A.S. - Visitei duas escolas no Estado de Pernambuco. Foram estruturados quatro formulários de avaliação do Esporte da Escola, destinados ao levantamento de dados nos contextos do aluno, monitor, gestor e do professor de Educação Física da escola. O preenchimento desses formulários era conduzido pelos professores formadores do Esporte da Escola e das ECs, individualmente, cada formulário

continha identificação do perfil do entrevistado, e questões de múltipla escolha. Após aplicação dos formulários de avaliação, os dados eram lançados no sistema Google Doc's, sendo destinado ao formador uma caixa de texto onde a digitação era livre e possibilidade para inserir anexos, caso fosse necessário.

M.M. – Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

A.S. – Difícil! Cada formação surpreendia de alguma forma, quer seja pela quantidade de inscritos- geralmente maior do que o previsto inicialmente - quer seja pela interação do grupo de formadores e monitores. A competência do grupo de trabalho, a criatividade para contornar situações difíceis como se nada tivesse acontecendo. Cada uma marcou de um jeito diferente e prefiro não arriscar escolher apenas uma.

M.M. - Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

A.S. - No início, era extensa a quantidade de aulas teóricas, excedendo muitas vezes à prática, que não era interessante, principalmente em se tratando de pessoas, em sua maioria, sem formação acadêmica. Acredito que conteúdos mais objetivos, apenas para conduzir a prática, fossem mais interessantes, as demais informações poderiam ser transmitidas durante a atividade prática para maior assimilação dos participantes. Mas como tudo é mutável, no decorrer dos cursos cada equipe do Esporte da Escola e Equipe Pedagógica conduzia o curso a melhor maneira. As reuniões pedagógicas que antecederiam o curso ajudavam nesse processo de ajustes para o início das atividades.

M.M. - Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

A.S. - A possibilidade de levar mais conhecimento para pessoas que empiricamente já desenvolviam algum tipo de trabalho junto à comunidade, a troca de experiências entre os colegas, a interação com os participantes e o contato com pessoas de diferentes culturas. Quando desenvolvíamos o trabalho aprendíamos muito mais do que ensinávamos, isso tornava as formações ainda mais ricas.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

A.S. - O diálogo com a Equipe Pedagógica, mas com o tempo foi se ajustando e essa relação foi melhorando. Quanto aos cursos, algumas vezes o material solicitado junto ao articulador local não era providenciado e éramos obrigados a fazer mudanças algumas horas antes do início das atividades.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

A.S. - Acredito que sim pois a maneira como foram pensados e distribuídos os conteúdos, contemplava a todos. Nas formações os professores tinham o cuidado de propor atividades de serem realizadas por qualquer pessoa.

M.M. - Você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

A.S. - Trabalhar com o Esporte da Escola no período de dois anos me fez enxergar a Educação Física de uma maneira diferente, com mais carinho, humanidade, um caso de amor. Talvez tenha aprendido mais

em dois anos do que em toda a minha formação acadêmica. O contato com colegas de outras Equipes Colaboradoras e com os participantes dos cursos foi de uma riqueza indescritível. Espero que as atividades retornem o quanto antes e assim mais pessoas possam se beneficiar de Programas de qualidade como foi o Esporte da Escola.

M.M. – Obrigada por sua contribuição, professora Ariadne!

Berenilde Valéria de Oliveira Sousa



Local e data: Montes Claros, 22/05/2017

Contato do CEME: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Graduação em Educação Física (Unimontes, 2000), Especialização em Docência Superior (Faculdades Integradas Simonsen, 2000) e Mestrado em Avaliação das Atividades Físicas e Desportivas (Universidade Trás os Montes e Alto Douro, 2009). Professora do Departamento de Educação Física da Unimontes.

Questionário

Mayara Maia (M.M.) – Olá, professora Berenilde! Primeiramente, você poderia contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Berenilde Sousa (B.S.) – Olá! Iniciei meu envolvimento com o Esporte da Escola em fevereiro de 2014 a convite do professor Paulo Eduardo Gomes de Barros (Duda), coordenador da Equipe Colaboradora 12 que até então era somente PST padrão.

M.M. – Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

B.S. – Eu era da Equipe Colaboradora 12 – Minas Gerais. Fazia parte da equipe de formação tendo coordenado o curso do Esporte da Escola de Janaúba.

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

B.S. - Fui capacitada em Brasília (DF), quando iniciou o Esporte da Escola. Primeira capacitação do Esporte da Escola para as Equipes Colaboradoras. Como Equipe fui no primeiro curso do Esporte da Escola em Belém do Pará, posteriormente, o curso de São Paulo que não houve por questões políticas. Posteriormente ficamos no estado de Minas Gerais e participei dos cursos de Extensão de: Teófilo Otoni, onde atuei com Dança e Atividades Circenses; Ipatinga: Esportes de Marca; Uberaba: Esportes de Invasão; Janaúba: Esportes de Invasão.

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

B.S. - Não.

M.M. – Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

B.S. - Atuar nos cursos do Esporte da Escola foi uma experiência maravilhosa. A oportunidade de experimentar tantas propostas excelentes que contêm nos livros e a criação a partir delas, tanto por parte minha quanto por parte dos professores que estavam cursando.

M.M. - Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

B.S. - O curso de Extensão do Esporte da Escola era muito dinâmico e diversificado. Tanto para professores quanto para alunos era inovador e enriquecedor. O que foi percebido nos cursos era que muitos monitores cursados não estavam atuando no Esporte da Escola, mas foram convidados pelo município a participar.

M.M. - Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

B.S. - Proposta pedagógica excelente. Embora as atividades estivessem prontas nos livros cabia ao professor fazer ajustes necessários e um conhecimento para que a proposta se efetivasse de forma coerente e produtiva.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

B.S. - O curso era muito bem organizado e não havia dificuldade para aplicação da proposta.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

B.S. - No papel sim, mas penso que durante o curso não tive a oportunidade de ter um *feedback* por parte de quem estava na ponta. Eles estavam iniciando os trabalhos e muitos deles não faziam parte do Esporte da Escola. Os relatos por parte dos que estavam sendo formados não retratavam a realidade do Programa Esporte da Escola.

M.M. - Você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

B.S. - Gostaria muito de ter um *feedback* sobre o Programa Esporte da Escola. Lamentável não dar continuidade já que não temos mais as Equipes Colaboradoras.

M.M. - Obrigada por sua contribuição, Professora Berenilde!

Bruna Priscila Leonizio Lopes



Local e data: Natal, 15/07/2017

Entrevistadora: Mayara Cristina Mendes Maia

Transcrição: Mayara Cristina Mendes Maia

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Tempo de gravação: 23 minutos

Minicurrículo

Formada em Educação Física (UFRN, 2014), Mestranda em Educação na UFRN. Participa do GEPEC, o grupo de pesquisa Corpo e Cultura de Movimento e está finalizando a Especialização em Gestão de Programas e Projetos de Esporte e Lazer na Escola. Participa de um projeto com a Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Deficiência do Rio Grande do Norte na UFRN.

Entrevista

Natal, 15 de julho de 2017. Entrevista com Bruna Priscila Leonizio Lopes a cargo da pesquisadora Mayara Maia para o Projeto Memórias do Programa Segundo Tempo do Centro de Memória do Esporte.

Mayara Maia (M.M.) – Bom dia, professora Bruna. Você poderia nos contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Bruna Lopes (B.L.) - Meu envolvimento com o Esporte da Escola é iniciado a partir do convite que recebi para fazer parte da Equipe Colaborador 3, daqui, do Rio Grande do Norte. A Equipe já era composta pelos professores José Pereira de Melo, Maria Aparecida Dias, o Allyson Carvalho de Araújo também, e a Dandara¹⁶, Mayara¹⁷ e Loreta¹⁸. Nossa. Eu fiquei muito feliz em poder fazer parte desse projeto, porque já o conhecia e poder me aproximar, me familiarizar com os materiais, as formações, foi sem dúvida uma oportunidade ímpar, bastante significativa. Talvez essa pergunta merecesse ser contemplada com datas, mas eu não sou muito boa com isso, então, não vou nem margear, mas foi assim que se iniciou meu envolvimento com o Esporte da Escola.

M.M. - Que atividades que você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

B.L. - Então, integrava a EC3 do Rio Grande do Norte e atuava como formadora. O coordenador da nossa equipe era o professor Pereira. A dinâmica de como a Equipe funcionava era muito boa, todos contribuía para realizar o que tinha de ser feito e ninguém ficava sobrecarregado. Isso é uma coisa que eu tenho que pontuar porque, de fato, todos éramos bem empenhados em desenvolver um bom trabalho. Era algo muito prazeroso. Participar do Esporte da Escola era sem dúvida algo que fazíamos e desempenhávamos com muito prazer, claro que existiam situações adversas, como em qualquer situação da vida, mas independente disso, o nosso trabalho, as próprias formações nos davam respostas recompensadores, que fazia valer a pena.

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

¹⁶ Dandara Queiroga de Oliveira Souza.

¹⁷ Mayara Cristina Mendes Maia

¹⁸ Loreta Melo Bezerra Cavalcanti.

B.L. - Seguinte, quando entrei para EC3 foi para substituir outro professor e no período que entrei não houve capacitação. O que foi feito para que eu pudesse compreender o processo foi assim: eu já tinha feito o curso EaD, então, já tinha alguma aproximação com o material didático e durante as formações que íamos capacitar os monitores, como nos dividíamos em duplas para ministrar as vivências, as atividades práticas, os outros formadores com quem eu fazia dupla iam me passando a ideia de como funcionava o processo. E, é lógico, antes da própria capacitação com os monitores, a Equipe se reunia e nessas reuniões além de organizar as coisas para o curso, também eram passadas orientações. Então, além de poder contribuir nas formações, eu fui sendo capacitada durante o processo.

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

B.L. - Realizei. Então, na visita a gente tinha a oportunidade de observar o funcionamento do Esporte da Escola na escola, onde aconteciam as atividades, quem eram os monitores, quais materiais tinham e assim... De início era feita uma conversa com o responsável pelo projeto na escola e a ideia era que fossemos no horário das atividades para poder acompanhar e depois disso poder realizar os questionários com o monitor e com a criança. Nessa conversa inicial com o coordenador da escola, já fazia um questionário, e depois disso, como falei, com o monitor e em seguida com o aluno, assim, era interessante que um não respondesse na presença do outro, para ficar mais à vontade mesmo, enfim, era isso.

M.M. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

B.L. - Deixa eu pensar... Acredito que uma das capacitações mais marcantes foi a de Mossoró, uma em que acabamos nos envolvendo num acidente de carro, e confesso que pensei, de hoje eu não passo... E estou aqui contando a história. Mas não só por, graças a Deus, não ter ocorrido nada grave com a equipe, mas também pela receptividade das pessoas, porque eram muitas na formação. E o interesse que demonstravam era sem dúvida motivador para todos nós fazermos o nosso melhor. E assim, mesmo com o desgaste ocorrido devido ao acidente, e até mesmo o cansaço, a animação de todos, o interesse e a atenção que eles demonstravam foi algo muito, mas muito significativo mesmo.

M.M. – Qual a sua opinião sobre os processos de capacitação?

B.L. - Acredito que os processos de capacitação foram uma boa sacada, e claro, apesar de não ter participado desde o início do processo que pensou nos formatos das capacitações, como foram organizadas e tudo mais, soube de como se desenvolveram até chegar ao resultado do qual fiz parte. Existiu toda uma demanda política, e não vou enveredar por esse caminho, mas sim, falar que pensar no curso EaD, pensar numa formação presencial e ainda disponibilizar material didático para apoiar as atividades do Esporte da Escola realizadas nas escolas, sem dúvida, foi algo muito pertinente e que se via a preocupação em tentar promover o melhor desenvolvimento e aperfeiçoamento do processo como um todo. O que eu acredito é que não tivemos tempo suficiente para que tudo pudesse se concretizar, pelo fato do Esporte da Escola ter sido extinto muito cedo. Acredito que estávamos no caminho certo e que a tendência era que as formações se tornassem cada vez mais proveitosas.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

B.L. - Nossa, os pontos positivos são vários. A proposta pedagógica do Esporte da Escola era algo maravilhoso, essa formatação de proporcionar as mais variadas vivências aos jovens e crianças; o cuidado com a perspectiva inclusiva para que tudo fosse experienciado por todos, a não valorização de um esporte em detrimento a outro... A preocupação em promover capacitações, como já falei respondendo à pergunta anterior. O Esporte da Escola tinha um tinha muito importante, às vezes, ele era a única via que a criança tinha como meio de poder ter aquelas vivências... Tanto é que o material didático ainda hoje é utilizado como apoio, por exemplo, no PIBID¹⁹ daqui. São coisas muito valiosas e apesar do pouco tempo de existência a gente pode dizer que deixou sua marca, tamanha a sua importância.

M.M. – Quais limitações e dificuldades encontradas?

B.L. - Eu acredito que uma das coisas que podem ser citadas são o curto tempo em que eram realizadas as capacitações, por uma série de fatores que acredito de verdade que possivelmente seriam resolvidas com o tempo, que como já disse, o EE não teve. O fato dos monitores não serem necessariamente da área da Educação Física, mas também acho que isso não era algo tão limitador, acredito que fosse mais uma forma de apresentação e divulgação da Educação Física como área a ser explorada, e com os ajustes devido isso converteria em algo positivo, não que eu achasse negativo, mas às vezes limitador, só que como eu disse, era uma forma de oportunizar o conhecimento, e vários dos monitores se mostravam apaixonados e dispostos a enveredar pelo caminho da Educação Física, ou seja, acabava por fomentar o desejo de formação na área. E acho sinceramente que as dificuldades e limitações, obviamente existiam, como há sempre, mas os benefícios produzidos pelo EE eram sem dúvidas algo que se sobrepunham as adversidades.

¹⁹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

B.L. - O Esporte da Escola cumpriu sim um papel de inclusão social, desde a proposta pedagógica até sua ação. Como falei antes, oportunizar as crianças e jovens uma forma de vivenciar de ter todas aquelas experiências, e assim, como projeto social, ele atendeu sim o papel que tinha. Para muitas crianças o Esporte da Escola era a única forma de esporte e lazer que possuíam, o caráter inclusivo proposto pelo Esporte da Escola foi algo que também colaborou bastante para que esse cumprimento fosse realizado. As crianças tinham a oportunidade de vivenciar várias atividades, enfim, acredito que tenha cumprido sim esse papel pela preocupação desde a proposta pedagógica até a ação nas próprias escolas, assim como nas formações.

M.M. - Você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

B.L. - Quero deixar registrado que participar de um projeto como esse foi algo ímpar, que não tenho dúvidas da relevância e, apesar do pouco tempo de existência do Esporte da Escola possui... Apesar de eu não enxergar como, mas sim, gostaria de deixar registrado que seria uma alegria imensa o Esporte da Escola voltar a funcionar. E dizer também que a ideia de um e-book que pontue aspectos sobre o Esporte da Escola é algo que achei super significativo, uma ótima iniciativa e enfim, é isso.

M.M. – Obrigada pela sua contribuição, professora Bruna!

Bruno de Souza Vespasiano



Local e data: Itapeva, 26/07/2017

Contato do CEME: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Graduação em Educação Física (Faculdades Integradas de Itapetininga, 2205) e em Pedagogia (UNINOVE, 2017), Mestrado em Educação Física (UNIMEP, 2012) e Doutorado em Ciências do Movimento Humano (UNIMEP, 2016). Professor na Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva (FAIT).

Questionário

Mayara Maia (M.M.) – Olá, professor Bruno! Agradecemos por sua disponibilidade em responder este questionário. Primeiramente, você poderia contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Bruno Vespasiano (B.V.) - Fui indicado para o Esporte da Escola em 2014 por um amigo e também professor. No Esporte da Escola trabalhei com os cursos em vários lugares no Brasil.

M.M. – Que atividades que você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

B.V. - Eu trabalhava na Equipe de formadores de São Paulo.

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

B.V. - Sim, em 2014 na UFRGS²⁰ em Porto Alegre. Tivemos muitas vivências por profissionais muito capacitados que nos ensinaram como desenvolver os cursos além de aprendermos sobre todo o projeto.

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

B.V. - Não cheguei realizar visitas para avaliação.

M.M. – Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

B.V. - Em alguns locais especificamente como as regiões do Nordeste. Todas as vezes que estive trabalhando, a valorização e o carinho com a equipe era muito interessante.

M.M. - Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

B.V. - Penso que dentro da proposta do Programa, os cursos e as capacitações atingiram sempre seus objetivos e metas.

²⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

M.M. - Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

B.V. - Formação, integração entre vários profissionais, aprendizagem, amizades, experiência profissional entre outros.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

B.V. - Não tive dificuldades.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

B.V. - Sim. As práticas corporais proporcionavam um processo inclusivo significativo. Seja entre a equipe, seja entre os professores e monitores ou entre os alunos que participavam do projeto.

M.M. - Professor Bruno, você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

B.V. - Como sugestão seria legal se as políticas públicas pudessem de fato ser realizadas em prol de um desenvolvimento sustentável.

M.M. - Obrigada por sua contribuição, professor Bruno!

Cristiano Vieira Santana



Data e local: Salvador, 04/08/2017

Contato do CEME: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Graduação em Educação Física (Faculdade Social da Bahia, 2009), Especialização em Educação Física Escolar (UNESA, 2016) e Mestrado em Ciências da Educação (Universidade de Lisboa/Université de Poitiers/Universidad Nacional de Educación, 2013). Professor de Educação Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Pesquisador associado ao Grupo de Estudos Pesquisas em Mídia/Memória, Educação e Lazer (MEL), vinculado à UFBA

Questionário

Mayara Maia (M.M.) – Agradecemos por sua disponibilidade em responder este questionário. Primeiramente, você poderia contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Cristiano Santana (C.S.) - Meu envolvimento iniciou-se pelo convite informal do professor João Danilo²¹, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) para um encontro entre a Equipe Pedagógica do

²¹ João Danilo Batista de Oliveira.

PST²² e a Equipe Colaboradora da região baiana, em abril de 2014. Tal encontro visava a programação inicial dos trabalhos de formação de monitores do Esporte da Escola no Brasil. Nessa reunião fui integrado não somente à proposta de equipe do Esporte da Escola (Mais Educação), como também ao PST. O encontro resultou na primeira experiência prática de formação de monitores do Esporte da Escola no Brasil, ocorrida no Município de Lauro de Freitas (BA), ainda em abril de 2014. Já em junho de 2014, recebi o convite formal do professor João Danilo, o qual integrava a equipe como coordenador da Equipe Colaboradora 6. O convite me chamava a fazer parte da EC06. Em julho do mesmo ano fizemos um encontro geral entre as equipes e a abertura da agenda de formação de monitores do Programa Mais Educação.

M.M. - Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

C.S. - Como disse na resposta anterior, eu compunha a EC06 na Bahia. Nesta ocupava a função de agente capacitador/formador e assim como desempenhava funções de docência na formação de monitores.

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

C.S. - Sim. Particpei de capacitações como ouvinte para entender como funcionaria a formação de monitores, assim como capacitei e formei alguns pelo país. A capacitação que participei como ouvinte ocorreu em Porto Alegre, entre 15 e 19 de julho de 2014. Na capacitação, foram esclarecidas dúvidas acerca do Programa e suas nuances assim como foram realizadas atividades cercando as quatro dimensões práticas previstas para os cursos: Esportes de Rede, Divisória e Parede; Esportes de Invasão; Ginástica, Dança e Atividades Circenses; Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura. Os cursos de extensão que participei

²² Programa Segundo Tempo.

como formador ocorreram em 15 cidades diferentes entre os anos de 2014 e 2015. Estive nas cidades de Camaçari (BA), Euclides da Cunha (BA), Teresina (PI), Ipirá (BA), Monte Santo (BA), Conceição do Coité (BA), Irecê (BA), Natal (RN), Serrinha (BA), Caetité (BA), Salvador (BA), Ilhéus (BA), Teixeira de Freitas (BA), Poções (BA) e Guanambi (BA). Nestas formações, era encaminhado um pequeno grupo de formadores que se subdividiam em dois ou três elementos dessas dimensões práticas e nelas desenvolviam as atividades práticas de formação de monitores. As formações ocorriam em dois dias, sendo que em primeiro momento eram explanadas as prerrogativas do Programa juntamente com uma conceituação do que representava cada elemento e dimensão das atividades propostas. Em seguida eram realizadas as atividades práticas seguidas de uma atividade avaliativa final ao segundo dia.

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

C.S. - Não realizei.

M.M. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

C.S. - Cada capacitação e cada curso teve sua particularidade marcante. Mas aquela que mais me impressionou foi a formação em Salvador. Esta foi atípica, pois capacitamos para o braço do PST nas Forças Armadas, nomeadamente “Forças no Esporte”. Nesta formação, capacitamos militares oficiais e não oficiais, de alta e baixa patente, de todas as regiões e unidades do Brasil, assim como das três forças militares, sem distinção. Todos, sem exceção, demonstraram o quanto é significativo a prática corporal no sentido de unificação e socialização. Foi impressionante e gratificante.

M.M. - Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

C.S. - Sendo otimista, acredito nelas como experiência muito proveitosa do ponto de vista profissional, cultural e social. Profissional devido as diferentes possibilidades ainda ocultas no mundo esportivo no Brasil. Cultural em função da sua diversidade de espaços de atuação e capilaridade. E social em função da sua possibilidade interacional entre os pares e a sociedade local. Contudo, como formação é constructo, carece de aperfeiçoamento, principalmente devido ao nível formativo dos monitores.

M.M. - Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

C.S. - O Programa possibilita a construção de uma cultura esportiva a partir de uma égide pedagógica, independente da teoria aplicada. Pioneiro nesse modelo, o Programa avançou em larga escala jamais conhecida, possibilitando um modelo único de pedagogização esportiva ao nível nacional. O que retira o esporte do modelo exclusivo do rendimento, possibilitando os diferentes níveis de práticas e participação.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

C.S. - Acredito que o Programa encontrou e encontra essencialmente problemas de caráter burocrático e financeiro. Mas do ponto de vista pedagógico, a falta de infraestrutura e de instrução base de seus monitores e gestores públicos, ainda é a barreira principal.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

C.S. - Sim. O esporte por si só é elemento socializador. Mas na essência, o Esporte da Escola estabiliza três pilares e esferas de ação: a mobilização da gestão municipal em busca de recursos e estrutura; a mobilização social na manutenção de seus praticantes; e a criação de uma geração de conhecedores e praticantes esportivos. Com isso é possível inserir um indivíduo no processo democrático, assim como lhe permitir participação ativa e igualitária.

M.M. - Você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

C.S. - Não.

M.M. - Obrigada pela sua contribuição, professor Cristiano!

C.S. - De nada!

Dandara Queiroga de Oliveira Sousa



Local e data: Natal, 07/08/2017

Entrevistadora: Bruna Priscila Leonizio Lopes

Transcrição: Bruna Priscila Leonizio Lopes

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 29 minutos

Minicurrículo

Graduação em Educação Física (UFRN, 2013) e Mestrado em Educação Física (UFRN, 2016). Professora assistente 1 da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte no Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia. Vinculada ao Grupo Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC) e ao Grupo de Pesquisa Educação Física, Sociedade e Saúde.

Entrevista

Natal, 07 de agosto de 2017. Entrevista com Dandara Queiroga de Oliveira Sousa a cargo da pesquisadora Bruna Priscila Leonizio Lopes para o Projeto Memórias do Programa Segundo Tempo do Centro de Memória do Esporte.

Bruna Lopes (B.L.) - O Esporte da Escola foi uma atividade de integração do Programa Segundo Tempo e do Programa Mais Educação.

Você poderia nos contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Dandara Sousa (D.S.) - Meu vínculo teve início em 2014, no mês de julho e se iniciou mediante convite da coordenação da Equipe Colaboradora 03, pela minha especificidade de atuação com as práticas corporais de aventura e o material didático conter essa manifestação da cultura de movimento.

B.L. - Que atividades que você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

D.S. - Participante da Equipe Colaboradora 03 do estado do Rio Grande do Norte.

B.L. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

D.S. - Sim! Duas capacitações! Uma em 2014 e uma em 2015, sempre antes de iniciar os cursos do Esporte da Escola. Os processos se davam por meio de palestras de ordem mais técnica, para nos qualificar nos processos de levantamento de dados para elaboração do perfil dos monitores participantes, para compreender e qualificar o processo de avaliação dos cursos, bem como no que diz respeito ao conteúdo dos cursos. Tivemos cursos intensos de capacitação para aplicação do curso “Esporte da Escola” aos monitores. Tivemos momentos vivenciais riquíssimos, tivemos momentos expositivos, com os autores do material didático do curso, que são referências nos conteúdos previstos pela atividade Esporte da Escola. Tivemos capacitação também para que pudessemos ser avaliadores dos locais em que aconteciam o Esporte da

Escola. No segundo ano, tivemos ainda uma capacitação para aprendermos a operar o SiConv²³, entretanto, não chegamos a utilizar.

B.L. - Quais cursos de extensão você participou e qual mais te marcou?

D.S. - Atuei ministrando em 25 cursos. Os que mais me marcou foi o do Acre por ser em um lugar que eu nunca sonhei ir e aprendi muito lá; o de Mossoró, por causa de um acidente de carro que passei; o de Natal, por ter sido o primeiro que participei; o de São Miguel, por ter sido um choque a questão da falta de água tremenda. Acho que são esses.

B.L. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

D.S. - Sim. Realizei visitas em escolas nos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Em todas as escolas eu acompanhei o preenchimento dos questionários, auxiliando sempre que necessário sanando dúvidas dos participantes, dos monitores e dos gestores, assim como verifiquei as estruturas físicas e de materiais, etc.

B.L. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

D.S. - A primeira capacitação, em especial as vivências dialogadas sobre os conteúdos do material didático. Foi maravilhosa!

B.L. - Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

D.S. - De fundamental importância, cada um deles.

²³ Sistema de Convênios do Ministério do Esporte.

B.L. – Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

D.S. - Na verdade, o único ponto negativo que percebo é a não continuidade. Os pontos positivos são: a nossa formação enquanto equipe formadora pela possibilidade de compreender e conhecer diferentes realidades do ensino e da prática de esporte no Brasil. A possibilidade de os monitores terem a capacitação e uma melhor orientação para o ensino das práticas corporais. A distribuição gratuita dos livros produzidos para o Esporte da Escola. Sempre encontro monitores que participaram dos cursos e que relatam o quão útil foi o material. Alguns estudam Educação Física hoje por causa da formação. Inúmeros relatos de sucesso e da qualidade das formações.

B.L. – Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

D.S. - As grandes limitações que lembro serem recorrentes nas avaliações tanto do curso de formação, quanto in loco, se dava pela baixa remuneração do monitor, o que por vezes, inviabilizava sua permanência nessa função, gerando assim alta rotatividade de monitores dessa atividade do Mais Educação.

B.L. – Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

D.S. - Sem dúvida alguma. Na formação social do professor formador da Equipe Colaboradora, na qualificação para o ensino das práticas corporais, pelos monitores e principalmente por sua capilaridade de abrangência de crianças e jovens, especialmente em situação de vulnerabilidade social.

B.L. - Você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

D.S. - Acredito que um bom acervo de consulta para disponibilização da memória do Esporte da Escola, são os relatórios e as mídias produzidas pela equipe do Ministério Do Esporte, durante os cursos.

B.L. - Obrigada pela sua contribuição, professora Dandara!

Dirceu Santos Silva



Local e data: Campo Grande, 30/03/2017

Entrevistadora: Mayara Cristina Mendes Maia

Transcrição: Laura Giovana dos Santos Andrade

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Tempo da entrevista: 38 minutos

Minicurrículo

Graduação em Educação Física (UESC, 2009), Mestrado em Educação Física (UFES, 2012) e Doutorado em Educação Física (UNICAMP, 2016). Professor Adjunto da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

Entrevista

Campo Grande, 30 de março de 2017. Entrevista realizada Dirceu Santos Silva a cargo da pesquisadora Mayara Maia para o Projeto Memórias do Programa Segundo Tempo do Centro de Memória do Esporte.

Mayara Maia (M.M.) – Boa noite, professor Dirceu! Você poderia nos contar quando e como iniciou o teu envolvimento com o Esporte da Escola?

Dirceu Silva (D.S.) – Bom, eu venho acompanhando como pesquisador e como estudioso da área de ações de políticas públicas como o

Programa Segundo Tempo desde quando eu comecei a minha graduação e a fazer a iniciação científica na UESC²⁴ em Ilhéus na Bahia. Eu continuei acompanhando durante o meu mestrado. E durante o doutorado, em 2014, fiquei sabendo do processo seletivo que teria para novos formadores. Então, eu conheço o técnico que agora é doutorando da UNB, o Vagner²⁵ e mandei o meu currículo para ele. Quando eu me encontrei com o Vagner, ele falou que selecionava formadores com o perfil mais crítico tanto da prática quanto da teoria de política para ajudar também no Programa de uma forma geral.

M.M. – Você lembra mais ou menos em que ano, que momento ou em que mês esse processo aconteceu?

D.S. – Participei da capacitação em julho de 2014 e atuei no Programa até dezembro de 2014 porque em 2015 eu fiz um intercâmbio na Europa e fiquei um ano na Inglaterra. Eles pediram a renovação do contrato em 2015, mas infelizmente eu não pude continuar.

M.M. – E quais atividades você desempenhava no Esporte da Escola?

D.S. – Num primeiro momento, a gente recebeu uma formação em Porto Alegre e num segundo momento, a gente ministrava as formações para pessoas que estão já na base, que são os agentes sociais, que são aquelas pessoas que trabalham mesmo nas escolas vinculadas ao Esporte da Escola. Então, basicamente nas formações que eu participei em diferentes capitais no Brasil... Curitiba, São Luís, interior de Minas Gerais, Alagoas... Todas as formações... Eu participei muito do primeiro momento que era de apresentação do papel do Ministério do Esporte e da apresentação do Esporte da Escola. Para além dessa esplanada inicial, eu ministrava uma ou duas oficinas por formação. Então, basicamente eu ministrei oficinas de Esportes de Invasão, trabalhando

²⁴ Universidade Estadual de Santa Cruz.

²⁵ Wagner Barbosa Matias.

com futsal e handebol. Eu ministrei também Esportes de Rede, atividades de aventura com utilização de *slackline*... Ministrei lutas, ministrei capoeira... Eu acho que as únicas que eu não ministrei foram ginástica e dança. Então todos os outros conteúdos da formação cheguei a trabalhar, tanto de forma teórica quanto de forma prática.

M.M. – Certo. Você pode descrever como aconteciam os processos de formação dos agentes sociais?

D.S. – Bom, esses processos dos cursos iniciavam com um momento de formação da equipe de professores e com um planejamento. Então, o Ministério do Esporte fornecia o material didático para distribuímos entre os monitores participantes dos cursos. Existia esse material didático, mas a gente poderia ir além. Então, a partir desse material, a gente criava algum tipo de atividade para o conteúdo. Em cada formação é um tipo de atividade de diferente, não era um curso específico que a gente ia lá ministrar. Então, por exemplo, quando era um formador de esporte de aventura, oferecia *slackline*, mas tinha outros formadores que ofereciam corrida orientada ou algo do tipo. Então, era sempre uma formação diferente de acordo com a quantidade de pessoas e local. Por exemplo, em Curitiba, as fontes de atividades eram bem específicas porque todos os formadores do Programa tinham pós-graduação. E a gente foi para locais que tinham pessoas que não tinham formação nem em Educação Física e não eram nem estudantes! Então a gente precisou montar outro tipo de atividade e alterar a complexidade daquela atividade... Eu trabalhei em capitais e interior e diversifiquei bastante as aulas ministradas para atender a variedade das demandas. Estava trabalhando um período em Campinas e o Ministério me colocava em diferentes aeroportos, minha localização mais central possibilitava isso.

M.M. – Aconteceu algum curso que foi mais significativo e chegou a te marcar que você possa nos descrever?

D.S. – Acho que o curso de Curitiba me chamou atenção, não por ser a primeira, mas por ter ocorrido uma discussão acadêmica bem maior que nas outras formações, então, a minha primeira formação eu estava entrando naquele processo e foi um lugar que aconteceu uma troca de experiência entre os formadores e quem estava sendo formado teoricamente. Foi muito interessante! Inicialmente eles tiveram uma resistência muito grande nas atividades, no entanto, no último dia de formação foi bem bacana, eles deram um *feedback* interessante e era muita novidade para eles. Acredito que essa formação em Curitiba foi significativa no sentido de formação e troca de conhecimento para acadêmicos. Inclusive, quando a gente apresentava as oficinas, a gente abria uma roda inicial e terminava com uma roda final. E nessa roda final, teve uma troca muito significativa. No entanto, eu posso destacar Teresina, que foi um local que o trabalho acadêmico também foi bem significativo porque Teresina me surpreendeu muito, não só pelo calor, mas pela carência de informação que as pessoas tinham e pelo valor que eles estavam dando àquele tipo de formação. Então, a vontade de aprendizagem e a chegada de um programa de formação do Ministério do Esporte na capital, acho que foi muito significativo para minha formação também. O *feedback* que eu recebi com esse tipo de formação foi bem significativo, foi marcante.

M.M. – Qual é a tua opinião sobre os processos de formação? Como eles aconteciam e tudo o mais?

D.S. – Então, a minha opinião é que esses processos eram sempre interessantes. Discutir formação é sempre importante dentro do processo. A maior dificuldade era o tempo dessa formação, por exemplo, a maioria eram professores de Educação Física ou pessoas que estavam cursando Educação Física, eram acadêmicos. E ter uma formação desta é sem dúvida marcante para a pessoa que está recebendo, no entanto, ela não é suficiente para garantir formação qualificada daquela pessoa.

Então, comparado a todo um processo de preparação para um ano letivo, por exemplo, ela é bem simplória. Geralmente, você prepara um tipo de formação para dar ideias para aquela pessoa. Tinha também muito grande de outras formações, de outros programas do Ministério do Esporte. Nesse sentido, o Esporte na Escola impulsionou uma formação mesmo a partir do momento que tu oferecias o material pedagógico, apesar de que era o Programa, e apresentava... Dava uma capacitação de cada tipo de oficina, então, abria um leque de possibilidades para aquelas pessoas buscarem conhecimento, no entanto, a gente não tem uma ideia do impacto dessa formação. É algo que não dá para avaliar por uma formação. As pessoas davam *feedback* bem bacanas, mas será que elas continuaram estudando? Será que mudaram a prática delas? Então, não tem nenhuma formação continuada para confirmar. Outro problema desse tipo de formação, e aí foi por conta de uma demanda política, é porque geralmente o Ministério do Esporte trabalha com projetos, então, Programa Esporte e Lazer da Cidade, Programa Segundo Tempo... Todos esses programas dão uma formação para as pessoas e essas pessoas representando o projeto vão trabalhar e, às vezes, essas pessoas saem e entram novas pessoas que não recebem os cursos ou a atividade não tem continuidade porque são projetos e projetos mudam a cada 12/24 meses e assim, sempre tem uma troca dessas pessoas que estariam na formação.

M.M. – Então, quais são os pontos positivos que você conseguia enxergar do Esporte na Escola em específico?

D.S. – Os pontos positivos? Então, os pontos positivos eram as formações. Eu acho que os momentos que ocorriam inicialmente antes do início das atividades eram mais interessantes do que no meio do processo. O ponto positivo da formação: chegar antes do processo... Chegávamos e dávamos um gás, reconhecíamos os locais do curso, verificávamos os materiais. Eles recebiam o material didático que eu

acho bem interessante e o conhecimento científico e acadêmico, dentro da prática. Uma crítica que se tem na maioria das áreas e que na área das políticas públicas também faz parte é sobre o envolvimento das pessoas. E os profissionais que tiveram em suas cidades abraçaram esse tipo de projeto. Acho que teve um alcance muito grande essa formação e acho que é uma contribuição significativa não só para o programa, mas para as cidades participantes e para a cultura esportiva brasileira.

M.M. – Nos locais que você trabalhou sentiu alguma resistência do pessoal da Educação Física por receio da ideia de o Esporte da Escola parecer tomar seu espaço como professor de Educação Física?

D.S. – Em nenhum momento. Em todas as formações que eu fui... No caso de Curitiba que já eram professores de Educação Física era visto como um complemento que poderia ajudar no salário; viam o Programa como algo voluntário mesmo, como algo que eles queriam contribuir para a sociedade como experiência interessante.

M.M. – Além da questão de Teresina ter sido uma experiência marcante e ao mesmo tempo, difícil até pelo nível que você falou que encontrou pouco envolvimento na área, ocorreu algum curso mais difícil?

D.S. – Então, justamente a que eu tive mais dificuldade foi a que eu mais gostei, em Curitiba. Porque eu era doutorando e a maioria era especialista e como eu estava na minha primeira formação estava conhecendo o Esporte da Escola. Foi bem natural e bem interessante em que o conhecimento científico falava e o material didático que a gente usava falava e colocava sugestões dessas pessoas que estavam lá na ponta, na prática.

M.M. – E o Esporte da Escola, como um todo, você sabe que tinha... Como você mesmo falou, os monitores que são de cada área do Brasil e,

eles sempre traziam suas dificuldades com envolvimento, com a educação, com o Esporte da Escola. Você conseguia sentir, dentro da sua experiência, e pelo o que você escutava deles se o Esporte da Escola, se ele realmente conseguia cumprir a função de inclusão social? Era uma atividade de inclusão social?

D.S. – Não. Ele não conseguia cumprir. São vários relatos problemáticos. O primeiro é o de acompanhar oficinas específicas pelos materiais, então, além de materiais tinha que cuidar de equipamentos, construir ginásio coberto para propiciar as aulas de Educação Física, enfrentar as dificuldades com os monitores que trabalhavam na zona rural... Esses reclamavam que não tinha materiais e equipamentos que facilitassem para que essas práticas acontecessem. A dificuldade também deles terem informação, a dificuldade de entender o que seria o Programa enquanto eles ainda estavam no Programa, mas que precisavam de algo que tivesse continuação... No contra turno escolar, eles tinham o objetivo específico de não só manter as crianças na escola, mas também oferecer para elas práticas esportivas que proporcionem uma formação principalmente para o esporte educacional. Não só com o esporte educacional, mas também do esporte de participação que é um esporte para os campos do lazer, já que se você oferece um tipo de oficina para eles, eles vão conseguir adaptar para suas realidades escolares e para sua vida e das crianças. Respondi?

M.M. – Sim! Você chegou a fazer alguma visita em escolas do Esporte da Escola?

D.S. – Sim, eu cheguei. Nesse primeiro de Curitiba, eu fiz toda a parte inicial da avaliação. Eu só não fiz essa parte total com o relatório porque falaram que não precisava, mas nesse curso específico, eu fiz menos oficinas e fiquei responsável não só pela avaliação, mas por uma oficina também. Então eu participei de todos os processos, eu fui

coordenador de duas formações no Ministério e participei da avaliação e participei da sala inicial, eu substituí pessoas do Ministério. Eu aproveitei bastante o Esporte da Escola.

M.M. – Mas eu digo assim, tinham algumas viagens que eram especificamente para você ir na escola fazer entrevistas...

D.S. – Ah, sim! Dessas eu não participei.

M.M. – Então, professor Dirceu. Tem alguma temática que eu não comentei, mas você queira falar sobre?

D.S. – Então, eu penso que os cursos de Educação Física, de uma forma geral deveriam estudar esporte como direito individual, lazer como direito social e que o Estado deve fomentar, deve garantir... O que a gente precisa dentro das políticas públicas dessas pessoas que entendam de programas, ações políticas públicas. Então, eu penso que a formação em Educação Física não dá suporte para as pessoas trabalharem em programas sociais. Nesse sentido, em busca de levar essa formação não só para quem está na prática, mas também para quem vai atuar futuramente em alguém projeto que tenha a ver com Educação Física, o Ministério deveria investir nisso. Então eu acho que seria isso... Além da formação garantir um processo dessa avaliação que eu não cheguei a fazer, mas existiu na escola.

M.M. – Muito obrigada por suas contribuições, professor Dirceu!

Elisandro Schultz Wittizorecki



Local e data: Porto Alegre, 07/08/2017

Entrevistadoras: Mayara C. Mendes Maia e Jamile Mezzmo Klanovicz

Transcrição: Luisa Lemos Goellner

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Tempo da entrevista: 25 minutos

Minicurrículo

Licenciado em Educação Física (UFRGS, 1998), Mestrado e Doutorado em Ciências do Movimento Humano (UFRGS, 2001 e 2009). Professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

Entrevista

Porto Alegre, 19 de setembro de 2017. Entrevista com Elisandro Schultz Wittizorecki a cargo das pesquisadoras Mayara Cristina Mendes Maia e Jamile Mezzmo Klanovicz para o Projeto Memórias do Programa Segundo Tempo do Centro de Memória do Esporte.

Mayara Maia (M.M.) – Boa tarde, professor Elisandro.

Elisandro Wittizorecki (E.W.) – Boa tarde, queridas.

M.M. – Primeiramente, muito obrigada por ceder o seu tempo para o CEME. Para iniciar, você poderia nos contar um pouco sobre como começou o seu caminho com o Programa Segundo Tempo e quando?

E.W. – Foi em meados de 2014. Na época, o professor Alberto Reppold Filho²⁶, que é o Betão, havia assumido a coordenação do Programa porque, então, o Professor Petersen²⁷ que coordenava tinha assumido como Secretário de Esporte e Lazer no Estado do Rio Grande do Sul. E aí, o professor Betão, através do professor Cícero²⁸, me convidou. Perguntou se eu tinha interesse e disponibilidade. Na época, eu lembro que ele ainda me apresentou o material, aquela coletânea dos quatro volumes das práticas corporais. E ali pelo meio do ano de 2014, eu ingressei no Programa. Daí participei de uma instrumentalização, uma capacitação que teve aqui na ESEFID²⁹ no meio do ano e passei a compor a Equipe Colaboradora 18.

M.M. – E dentro dessas atividades, você participou do Programa Segundo Tempo em um projeto específico ou você conheceu mais projetos?

E.W. – Como a gente estava falando antes, eu entrei na EC18 que, na verdade, estruturalmente era como se compunham as diferentes equipes do PST, mas eu acabei participando mais nas formações de extensão do Esporte da Escola. Então, durante o pouco tempo que eu tive, na verdade fiquei um ano e meio, não chegou a dar nem dois anos, eu fiz uma visita de avaliação de um núcleo do PST Padrão em Estrela. E todas as outras participações minhas foram em cursos de extensão.

²⁶ Alberto Reinaldo Reppold Filho.

²⁷ Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

²⁸ José Cícero Moraes.

²⁹ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

M.M. – E que atividades você desempenhava no Programa?

E.W. – No início, a gente fazia mais a parte de uma fala institucional das questões das políticas de lazer, nas questões políticas sociais e tal. E depois, mais adiante eu fui adentrando também na parte das vivências mesmo, na parte prática das oficinas. Então, eu trabalhava com oficinas de práticas corporais de aventura, trabalhei com as oficinas de ginásticas e lutas. [riso] Apesar de não ter sido nenhum lutador do tipo judoca, carateca ou capoeira, mas era um tema que eu fui fazendo um percurso que me agradou, essa coisa das lutas, da escola. Daquela ideia lá do Tarsício Vago³⁰, não as lutas na escola, mas as lutas da escola. Então eu fui, trabalhei com essas oficinas aí. Eu falava sobre o esporte escolar, sobretudo ginástica, práticas corporais de aventura e lutas. É a parte que eu mais trabalhei.

M.M. – Entre as funções que tinha nos grupos para o Esporte da Escola em específico, quais você atuava?

E.W. – Tinha um representante do Ministério do Esporte, um da equipe pedagógica e os formadores...

M.M. – E em alguns grupos tinham líderes também?

E.W. – Sim.

M.M. – Você foi líder alguma vez ou teve experiência?

E.W. – Na única oportunidade em que eu ia ser líder, um colega acabou trocando. Eu ia ser líder numa formação em Passo Fundo e um colega que estava com dificuldade de agenda por problemas familiares, acabou trocando. Então, ele foi líder dessa formação e eu acabei indo fazer uma formação no interior de Minas Gerais. Mas acompanhava ali por dentro,

³⁰ Tarcísio Mauro Vago.

via que o líder tinha aquela incumbência ali de organizar, pedir materiais, fazer contato, mas efetivamente não experimentei.

M.M. – E como aconteciam esses cursos que você participou?

E.W. – Então, tudo desencadeava com a designação, a convocação da Equipe Gestora lá em Brasília, né? Que designava: “Olha, vocês foram designados para fazer a capacitação lá em Teófilo Otoni, por exemplo, no interior de Minas”. Então, designava as pessoas, a gente montava a equipe. O líder começava a fazer um pouco do contato telefônico e via e-mail para acertarmos agendas, vôos, quem ia trabalhar com que modalidade, materiais que se precisava e tal. Então, a gente ia acertando essas questões por meio eletrônico, assim, por e-mail. Feita a viagem, chegada ao local, a gente normalmente se encontrava já quase no aeroporto na chegada da cidade, ia conhecer a escola porque normalmente as formações eram na escola. A gente fazia um reconhecimento do espaço, via materiais, conversava com a Direção. Fazia uma reunião preparatória, quase sempre no hotel que a gente ficava. E dali a gente desempenhava as atividades, a gente dividia meio que naquela organização padrão, assim, a oficina de Ginástica, de Luta, Esportes de Invasão, Esportes de Marca, de Rede, Capoeira, Ginástica. A gente dividia ali, organizava por turnos, via quantidade de participantes, estipulava ali quantas turmas a gente ia precisar fazer e repetir para dar conta de atender todo mundo. Trabalhava tanto com a dimensão vivencial quanto com a dimensão mais teórica. Falando sobre o planejamento, o material instrucional daquela coletânea. Bom, depois, seguíamos com um momento de planejamento e tal, isso durava dois dias. Os cursos geralmente tinham essa duração, dois dias. A gente fazia uma avaliação depois da jornada junto com o grupo, entre nós e é assim: chegada na cidade, dois dias, entrava no avião e voltava. Entre o deslocamento, a missão propriamente dita e o retorno, tudo acontecia em quatro dias.

M.M. – Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

E.W. – Teve um, eu diria que o mais marcante, eu diria, quase pelo lado do avesso, assim, porque teve uma formação que a gente foi fazer numa cidade de Minas. Será que era... Não era Teófilo Otoni, foi em Pará de Minas e eu lembro que a articulação das pessoas, dos participantes, acabou sendo a problemática. Então, havia a estimativa de participação de 80 ou 90 pessoas. E pensem, tem um investimento, né? Deslocamento, passagem, estadia, alimentação, ou seja, diária para uma equipe. Nós íamos quase sempre em quatro professores, um representante da Equipe Pedagógica, mais um do Ministério e sempre se imaginava, se esperava que tivesse um público consistente. E eu lembro que a gente foi para esse curso e nós juntamos quatorze pessoas! E rolou um certo mal-estar porque a gente ficou um pouco surpreso, né? Nós estamos ali com quase um professor para cada participante. Porque tinha acontecido um problema, alguma dificuldade de pagamento das bolsas aos monitores do Esporte da Escola que estava atrasado, então, uns saíram e não foram recontratados. A articulação comunitária não rolou bem. E eu lembro que um olhou para o outro... Eu até fui uma das pessoas que disse: “Moçada! Não vamos deixar a peteca cair! As pessoas estão aqui, merecem o nosso melhor e vamos fazer um caldeirão com esse negócio aqui. Vamos seguir na maior pilha, no maior alto-astral”. E foi muito interessante porque os participantes estavam quase que com o sentimento de: “Vão cancelar isso”. E veja, em alguns momentos nós tínhamos oito, nove participantes... Não se manteve quatorze o tempo todo, né? Falta por dificuldade de agenda, pessoas, bom, dava para ver que eles estavam preocupados tipo: “Vão, vão cancelar”. E foi muito legal porque nós fizemos uma jornada intensa e motivadora para nós e para eles. Se tem algo de diferente que eu poderia registrar, eu acho que foi isso. A gente segurou a onda. Para dar conta de Esporte de Invasão com oito ou nove

pessoas. Nós chamamos crianças que estavam na escola, elas participaram junto para encorpar a atividade. Foi bem interessante.

M.M. – Bem professor, e além dos cursos o Esporte da Escola também tinha linhas de avaliação com visitas às escolas. Você realizou alguma visita?

E.W. – Nenhuma.

M.M. – E no seu grupo, você lembra se tiveram pessoas que chegaram...

E.W. – Eu lembro que no nosso grupo havia algumas pessoas que estavam especificamente lotados como membros do Esporte da Escola. Era o caso da Gabriele³¹ e da Jennifer³² que eram da Universidade Federal de Pelotas. Elas eram da equipe, as pessoas que fizeram essas visitas. Eu lembro porque elas estavam na lotação como Esporte da Escola. Como eu entrei na vaga, pelo Programa Segundo Tempo Padrão. E claro, professor aqui, então não tinha uma agenda muito *free* assim. E as gurias por conta da sua agenda... Elas eram mestrandas do líder da EC18³³ e tal, tinham essa coisa de uma agenda mais maleável, então, normalmente elas é que eram designadas para fazer essas visitas do Esporte da Escola.

M.M. – Professor, qual é a sua opinião sobre o processo dos cursos de extensão?

E.W. – Sabe que para mim foi um processo absolutamente novo, né? Porque eu trabalho com formação de professores, mas não havia experimentado via este Programa, via essa política pública de esporte e lazer, de fomento. E foi muito interessante porque as pessoas vinham

³¹ Gabriele Radünz Krüger.

³² Jennifer Rodrigues Silveira.

³³ Alexandre Carriconde Marques.

muito sedentas, com vontade de serem ouvidas, de alguma maneira de sentirem mobilizadas. Então, acho que muito do que a gente trabalhava na formação nem sempre eram exatamente conteúdos novos, novíssimos, mas aquilo mexia com o sujeito, uma espécie de renovação do desejo. Acho que isso é alguma coisa bem interessante. A outra é que a gente atendia de fato comunidades, município, cidades em que há horas não se via, não recebia esse olhar, essa atenção do poder público com alguma atividade de formação permanente. O material, muito interessante, a coletânea... A Equipe Pedagógica ao longo do tempo fez um trabalho muito consistente, assim, de produção de material, inclusive na plataforma EaD³⁴, um material magnífico. Então, eu diria assim, eu faço uma avaliação bastante positiva. O pessoal saía, a impressão que eu tenho nas avaliações, é que os participantes saíam muito empolgados, renovados, mexidos e, claro, com aquele desafio de fazer a tradução disso no seu cotidiano. Claro que ali, numa formação com um monte de gente, um monte de materiais, monte de professores, a coisa flui de uma forma muito interessante. O desafio é que essas pessoas pudessem pensar, por exemplo, algo que eu trabalhava ali com muita gente, lutas e práticas corporais de aventura, que eu diria, são dois temas não hegemônicos na escola. É possível traduzir isso. Trazer esse tema para o mundo escolar. Então, só aí eu já vejo uma herança, um legado muito interessante via essas formações que a gente construía e desenvolvia.

M.M. – Professor, o Esporte da Escola inicialmente levava esses professores para vários lugares do Brasil e depois ele tentou se regionalizar. Teve algum outro espaço, fora do Rio Grande do Sul, além de Minas Gerai, que o senhor foi ministrar cursos?

E.W. – Acho que tive duas oportunidades em Minas, que foi onde me designaram que foi Teófilo Otoni e Pará de Minas. Acho que as outras foram aqui no Rio Grande. Já havia uma vontade, um desejo de fazer

³⁴ Ensino à Distância.

regionalizado, mas eventualmente, quando havia uma dificuldade na agenda das pessoas e até o tema.... “Bem, precisamos de alguém para essa semana que trabalhe com lutas, que trabalhe com tal tema”. Então às vezes, eventualmente se conduzia alguém lá para outros rincões.

M.M. – Muitos entrevistados relataram que além dos monitores do Esporte da Escola também tinha a presença de outros profissionais, como professores de Educação Física...

E.W. – Ah, sim, é. Acho que a ideia era... Acho, que prioritariamente era atender os monitores, mas como havia um tremendo de um investimento, eu lembro que as formações sempre, sempre abriam para os professores das escolas. E às vezes vinham, olha, quase mais professores que monitores, na experiência que eu tenho. Lembro que teve uma, acho que a maior delas, que foi aqui em Gravataí que tinha muita gente. Muito monitor e muito professor.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você vivenciou nos cursos?

E.W. – Bom, em termos de limitações, eu diria que tem uma limitação que é inerente ao pedagógico. A gente chegava numa cidade, num contexto e não conhecia praticamente ninguém. Claro que tinha um representante local para fazer um pouco da nossa apresentação, socialização, fazer uma interface. Mas a gente conhecia o espaço e as pessoas no momento. Assim como é inerente ao ato pedagógico cada semestre conhecer uma turma, né? Mas isso, em Gravataí a gente chegou para fazer uma formação e era num CTG.³⁵ Então, como se pensa isso, né? “O que que tem aqui? Tem cerca? Tem rio? Tem água? O que que tem para gente poder trabalhar”, né? Tem isso. Outra, eu diria assim, as formações eram planejadas com momentos teórico-práticos. Muitas pessoas queriam era: “Vamos fazer oficinas” e tal. Às

³⁵ Centro de Tradição Gaúcha.

vezes, quando a gente chegava para um momento de reflexão achavam um pouco morosos, assim, mas é outra que também, eu diria que é um pouco a cara da área, assim, essa resistência do pessoal parar um pouco... Essa dimensão de reflexão teórica. Às vezes, a coisa era um pouco corrida. Claro que mobilizar uma equipe em quatro dias era um tempão e tanto. Mas era muito tema, porque tinha uma certa cartilha do que do que precisava ser desenvolvido. Então, o curso era muito acelerado. Se pegávamos um grupo grande de, sei lá, cento e vinte participantes e precisava dividir em três, eram quatro turmas para fazer o rodízio das oficinas. A gente tinha que fazer pequenas vivências, a oficina mais curta e, às vezes, com menor tempo de reflexão. Então, eu diria assim, uma das dificuldades, dependendo do número de participantes era o processo em dois dias que era muito apressado. Por outro lado, a gente olha para uma “Socioculturais III”³⁶, puxa! Poderíamos ter uma faculdade, uma graduação toda só com os temas da “Socioculturais III”. Só para brincar que a gente sempre pode dispor, imagina que precisaria de mais tempo. Eu acho que essas eram as duas maiores limitações. Não chego a colocar como *problemas*, né? Mas é o tempo e poder conhecer melhor o espaço e as pessoas.

M.M. – Então de forma geral com as suas experiências, você acredita que o Esporte da Escola cumpria um papel de inclusão social?

E.W. – Então, esse debate da inclusão é difícil porque hoje a gente fala inclusão. Inclusão é uma expressão meio cartão de crédito. Tu falaste inclusão e “Uau!” Vai abrindo caminhos. A inclusão precisa se materializar em muitas frentes e nos atos do cotidiano. Eu diria que o Programa se preocupava com isso. Ele olhava para isso. Ele trazia esse tema para cena. Trazia para os momentos de formação. Como é que as pessoas traduziam, se viam autorizadas? Bom, daí é um outro passo. Eu diria que é um tema que o Programa olhava, se preocupava, trazia inclusive do ponto de vista vivencial dentro das oficinas. Eu diria que

³⁶ Disciplina da grade curricular do curso graduação de Educação Física da UFRGS.

sim, contribuía. Agora a gente precisa olhar para isso com uma... Diria com prudência para não fazer um discurso muito, eu diria assim, muito apressado e às vezes, muito ingênuo, né? “Que bom, aprendemos a fazer o vôlei sentado, aprendemos atividades para cegos e isso deu conta da inclusão.” A inclusão é um exercício que tu precisas no dia a dia, em cada momento e cada situação está olhando para isso e vivendo, fazer isso viver com as pessoas. Digo que sim, ele trouxe para cena, mas daí precisa estar olhando o tempo todo para isso.

M.M. – Professor, tem alguma coisa que a gente não te perguntou que o senhor acha que merece ser abordado?

E.W. – Eu fiquei pouco tempo, em torno de um ano e meio, quase dois no Programa. Então, eu não tenho a mesma visão, experiência das pessoas que acompanharam o Programa desde muito tempo. O Pereira³⁷, por exemplo. Então talvez essas pessoas possam ter uma noção mais aprofundada. Quanto o Programa evoluiu, o que a gente tem hoje é o mais perto de uma articulação com projeto pedagógico de escola do que já foi. Então outras pessoas com outros percursos possam trazer outras análises, outros olhares. Meu olhar é de uma pessoa que experimentou pouco tempo, que trabalhou basicamente com as formações, mas eu saí bastante satisfeito com a experiência. Foi uma jornada bem interessante. Trabalhando com as pessoas, trabalhando com a formação teórico-prática acho que é uma coisa importante. Foi uma jornada bem interessante.

M.M. – Muito obrigada por sua contribuição, professor Elisandro!

E.W. – Podem contar comigo quando precisarem.

³⁷ José Pereira de Melo.

Ida de Fátima de Castro Amorim



Local e data: Amazonas, 20/07/2017

Contato do CEME: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Formada em Educação Física; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM, 2002); Doutoranda em Educação pela UFAM; professora da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da UFAM.

Questionário

Mayara Maia (M.M.) – Olá, professora Ida. O Esporte da Escola foi uma atividade de integração do Programa Segundo Tempo e do Programa Mais Educação. Primeiramente, você poderia contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Ida Amorim (I.A.) - Meu envolvimento se deu em julho de 2014. Iniciei através do convite do professor coordenador do grupo do Norte que fez o convite a alguns professores pertencentes ao quadro efetivo da Faculdade para fazer parte do projeto Esporte na Escola.

M.M. - Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

I.A. - Professora formadora, equipe do Norte-Manaus

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

I.A. - Participei do curso de formação inicial, que ocorreu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e a cada final de ano, tínhamos os encontros com a equipe do Ministério do Esporte e na ocasião ocorriam algumas capacitações. Tínhamos debates e trocas de experiências com as equipes de outras regiões e eram muito proveitosos pois aprendíamos novas formas de trabalhar.

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

I.A. - Sim, fiz várias visitas. O preenchimento do questionário era simples, quando não tinha a oportunidade de acompanhar os monitores no preenchimento dos questionários, eu deixava com o coordenador do programa Mais Educação na escola, e este ficava responsável em passar ao monitor e receber de volta, mas normalmente eu aguardava os envolvidos no projeto e esperava eles responderem ao questionário.

M.M. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

I.A. - Acredito que a primeira capacitação pois ela foi mais extensa e como era a primeira, foi mais marcante pois conhecemos muitas pessoas e a troca de experiência foi muito importante.

M.M. – Qual é a sua opinião sobre os processos das capacitações?

I.A. - Acredito que poderiam ser mais constantes, mas no geral eram muito boas, esclarecedoras e inovadoras.

M.M. - Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

I.A. - A oportunidade de proporcionar aos monitores novos conhecimentos, e ter experiências novas com muitas regiões e sua vasta cultura.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

I.A. - A principal era o tempo, pois eram realizados os cursos em dois dias e não eram suficientes para podermos trabalhar todas as atividades, e como eram muitas, algumas ficavam mais prejudicadas que as outras.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

I.A. - Em parte, sim. Mas não em sua totalidade, pois infelizmente o poder de alcance era pouco, mas acredito que naquilo que este se propôs a fazer acredito que sim, que cumpriu seu papel social.

M.M. - Professora, você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

I.A. - Apenas espero que nossos governantes se conscientizem da importância de fomentar a formação esportiva para nossas crianças,

mas que também valorize os profissionais de Educação Física que estudam e passam quatro anos em média para se formar e poder devolver a sociedade todo o conhecimento adquirido nesses anos.

M.M. - Obrigada por sua contribuição, professora Ida!

Jennifer Rodrigues Silveira



Local e data: Pelotas, 27/07/2017

Contato do CEME: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel, 2011); Especialização em Educação Física Escolar e Mestrado em Epidemiologia da Atividade Física (UFPel, 2016). Atualmente é doutoranda em Educação Física.

Questionário

Mayara Maia (M.M.) – Olá, Jennifer! Agradecemos por sua disponibilidade em responder este questionário. Primeiramente, você poderia contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Jennifer Silveira (J.S.) - O meu envolvimento no Esporte da Escola se deu em 2014, devido a minha participação no Programa Segundo Tempo e minha entrada no Programa de Pós-graduação da UFPel³⁸, onde residia parte importante da Equipe Colaboradora 18.

³⁸ Universidade Federal de Pelotas.

M.M. - Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

J.S. - Eu fazia parte da Equipe do Esporte da Escola no Rio Grande do Sul. Minhas atividades começaram como ministrante dos Cursos de Extensão.

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

J.S. - Sim. Foram: Maceió (AL), São Leopoldo (RS), Guaíba (RS), Passo Fundo (RS), Ijuí (RS), Novo Hamburgo (RS), Osório (RS), Goiânia (GO), Anápolis (GO), Montes Claros (MG), Pará de Minas (MG) Vacaria (RS) e mais. Os cursos tinham a mesma lógica, porém aconteciam de forma diferente nos diferentes lugares. Trabalhávamos com a apresentação do Ministério do Esporte e do Esporte da Escola, apresentávamos e explicávamos a coleção de livros, então, nos dividimos nas modalidades e cada um apresentava a teoria e a prática referente ao livro escolhido. Nos dividíamos da seguinte forma: Esportes de Invasão, Ginástica/Dança/Circo, Lutas/Capoeira/Atividades de Aventura e Esportes de Rede e Linha Divisória. Por vezes os livros de Práticas Corporais De Lutas/Capoeira/Atividades de Aventura eram divididos e trabalhados separadamente, já o de Dança, Ginástica e Circo era que quase sempre trabalho na mesma oficina. No início do curso aplicamos o perfil. A última temática trabalhada era sempre o planejamento, esse sempre dava problema; era trabalhado de um jeito em cada lugar e no meu ponto de vista, as pessoas saíam sem entender como fazer ele. Depois do planejamento a finalização era com a avaliação do curso. Nós formadores também fazíamos uma avaliação nossa.

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

J.S. - Sim. Apenas duas, no mesmo dia em Porto Alegre, os questionários comigo foram aplicados face à face com todos os envolvidos, tive dificuldade para que a diretora e ou coordenadores parassem para a entrevista.

M.M. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

J.S. - Todos foram muito interessantes. Porém, um me chamou mais a atenção, foi o realizado em Pará de Minas (MG), pois lá montamos uma oficina extra de construção de materiais alternativos e foi muito legal, bem interessante. De mais, o que mais interessava era a diversidade de cultura e diferença nas características locais e pessoais dos diferentes cursos.

M.M. - Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

J.S. - É extremamente importante, é através do curso que conseguimos passar informações básicas e importantes para o bom desenvolvimento do projeto. As pessoas se sentem mais animadas e mais dispostas a voltarem para a escola e fazer algo diferente, proporcionando um trabalho de qualidade dentro das escolas para os alunos. Além disso, a proposta do curso Esporte da Escola ajuda na padronização do projeto como um todo mesmo em diferentes localidades.

M.M. - Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

J.S. - O curso de extensão, o número de beneficiados que era grande, o material de apoio de excelente qualidade, o curso EaD para formação continuada.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

J.S. - Pouco tempo para desenvolver o curso e muito conteúdo a ser trabalhado, falta de comprometimento das escolas com o projeto e limitações financeiros para as escolas desenvolverem o projeto. Também acho que deveria ter mais visitas as escolas.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

J.S. - Sim, pois a proposta do Esporte da Escola era justamente proporcionar práticas inclusivas a todos, sem distinção por raça, cor, gênero, tipo físico, doença ou deficiência. É difícil responder como isso acontecia na escola, mas, nos cursos esse tema era trabalhado.

M.M. - Você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

J.S. - Sim, se o Esporte da Escola voltasse, acredito que seria importante a conscientização da escola com as atividades, talvez um curso de gestão para os dirigentes, ficou uma lacuna nesse sentido. Os monitores participavam do curso e os responsáveis da escola não sabiam como aplicar, como cobrar e nem do que se tratava muitas vezes, o Esporte da Escola era muito confundido com as atividades normais do Mais Educação. Quando fiz visita na escola, percebi que nem a professora e nem os alunos sabiam que estavam participando do Esporte da Escola, para eles era só o Mais Educação.

M.M. - Obrigada pela sua contribuição, professora Jennifer!

Juliana Guimarães Saneto



Local e data: Vila Velha, 05/06/2017

Entrevistadora: Mayara Cristina Mendes Maia

Transcrição: Bruna Moraes Costa

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 29 minutos

Minicurrículo

Graduação e Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2008 e 2012) e Doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2016). Professora na Universidade de Vila Velha/Espírito Santos.

Entrevista

Porto Alegre, 05 de junho de 2017. Entrevista com Juliana Guimarães Saneto a cargo da pesquisadora Mayara Maia para o Projeto Memórias do Programa Segundo Tempo, do Centro de Memória do Esporte.

Mayara Maia (M.M.) - Olá, Juliana! Muito obrigada por nos ceder esse momento de entrevista. Você poderia nos contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Juliana Saneto (J.S.) – Oi, Mayara. Tudo bem? Bem. Se eu não me engano, foi em meados de 2013 e a minha entrada ela se deu por meio de convite, seguido de posterior seleção. Fui convidada a participar e esse convite veio de uma pessoa que trabalhava no Ministério do Esporte. Nessa ocasião, várias outras pessoas conhecidas minhas também foram convidadas a participar do Esporte da Escola. Lembro que havia preocupação em trazer pessoas que estavam inseridas em programas de pós-graduação do Brasil, no sentido de renovar o quadro de pessoas que trabalhavam com algumas políticas públicas na área esportiva, principalmente com inserção dentro de instituições escolares. Se eu não me engano entrei em meados de 2013.

M.M. – Certo. Quem foi essa pessoa que te indicou? Só para a gente se situar melhor.

J.S. – Wagner Barbosa Mathias. E assim, não sei se vale a pena pontuar, o Wagner, ele faz doutorado pela UNB³⁹ e ele esteve presente na UNICAMP⁴⁰ em um evento, o “Lazer em Debate” e foi aí que eu o conheci e a gente participando de várias discussões, inclusive sobre políticas públicas de esporte e lazer. Foi um evento que a UNICAMP organizou e a gente recebeu alguns representantes do Ministério do Esporte, entre eles o Wagner. Aí então dentro desse grupo de discussão que a gente construiu nesse evento eu acredito que tenham surgido alguns dos convites.

M.M. – Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

J.S. – As atividades que eu desempenhei foram todas vinculadas à formação, tanto no âmbito presencial, quanto no âmbito à distância.

³⁹ Universidade de Brasília.

⁴⁰ Universidade Estadual de Campinas.

Inicialmente eu fiz parte de uma equipe geral e posteriormente, eu compus a Equipe Colaboradora 21, que era uma equipe com integrantes basicamente do Rio de Janeiro. Como eu estava finalizando o doutorado eu ficava um pouco nessa transição, ficava no Espírito Santo, ficava em Campinas, São Paulo, também em Mato Grosso, então, eu sempre saía de um desses três lugares.

M.M. – Você pode descrever como aconteciam os momentos de cursos presenciais e os momentos à distância?

J.S. – Ambos os momentos bastante ricos, tanto para quem participava como formador tanto para quem participava como ouvinte. Sempre gostei muito de conversar e durante as formações presenciais conversava muito com os que estavam fazendo o curso, muitas delas tinham alguma proximidade com a área da Educação Física e outras estavam ali desempenhando algum papel dentro do Esporte da Escola, mas de uma maneira bem aleatória, tentando dar o seu melhor, mas sem essa conexão com a nossa área. Isso era algo que me preocupava um pouco porque querendo ou não a gente tem um pouco dessa ideia. Trabalhar dentro dessa área exige ter uma formação, uma formação mínima, então, a gente acabava recebendo várias pessoas que atuavam como monitores e que tinham uma formação dentro daquilo que se configuraria como o ideal. De repente a gente esperava, mas cada realidade é uma realidade, cada caso é um caso e, dentro de determinados contextos, é aquela pessoa que está ali para atender. Nesse sentido a gente pode tentar conversar com elas, trazer informações novas, trazer de certa forma uma luz, a possibilidade de se trabalhar, no sentido de aprimorar aquilo que elas já faziam e de apresentar coisas novas também. Nos momentos de formação presencial a gente costumava ir para uma determinada cidade, um conjunto de monitores junto com um ou dois coordenadores. Anteriormente a nossa ida a gente fazia uma espécie de divisão de papéis, o que cada um faria durante os dias de formação e assim seguia

e essa formação ela era também dividida em questões mais teóricas e em questões de cunho mais prático, por meio de oficinas e nesse sentido, então, tínhamos algum espaço reservado para essas questões teóricas e tentávamos dar um aprofundamento dessas questões e fazer uma conexão delas com as oficinas. Apresentamos ali algumas possibilidades, não no sentido de ensinar a fazer, mas no sentido de fazer que os monitores entendessem aquela atividade como uma possibilidade, não fazer apenas daquela forma ou só daquela forma. A pretensão nunca foi essa. Pelas conversas que tive com meus colegas durante essas formações me parece que também não. Já no âmbito virtual, por meio da Educação à Distância, no final da minha participação no Esporte da Escola, quando eu comecei a fazer parte da EC 21, que era equipe do Rio de Janeiro, eu fiquei incumbida junto com outra pessoa dessa Equipe de tentar organizar a nossa participação de alunos no módulo à distância do curso do Esporte da Escola e nesse sentido eu fazia esse controle, mas não havia uma interação minha com esses alunos. Na verdade, eu só acessava os espaços virtuais e de certa forma confeccionava alguns relatórios para dizer quem estava participando e quem não estava, então, era mais nesse sentido. E aí o coordenador da EC 21 é que entrava em contato com essas pessoas.

M.M. – Nessas capacitações, dentro dos conteúdos que eram trabalhados, tinha alguns que você mais se identificava ou você acabava passando por todos?

J.S. – Passei por todos. É claro que a gente acaba se identificando pela nossa história, pela nossa formação, a gente acaba optando por uma coisa ou por outro. Eu não tive uma postura restritiva em relação a isso e acabei passando por todas as áreas. Procurava fazer, atuar numa oficina com um conteúdo que eu tinha menos afinidade, no mínimo, justamente para ter essa experiência. Essas formações que a gente participava estavam dentro de uma série de opções. Quando o diretor da escola estava lá pelo Mais Educação ele tinha uma série de opções;

ele podia escolher um esporte único, uma prática corporal única ou ele podia escolher o Esporte da Escola que era a proposta das múltiplas vivências. Nesse sentido, a gente tem que trabalhar com várias vivências.

M.M. - Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

J.S. - Após esse período de formação, a gente também aplicava um instrumento avaliativo com as pessoas que faziam essa avaliação. Isso fazia parte da formação formalizada, como eu havia mencionado. A gente sempre tinha esse hábito de conversar com as pessoas, criar esse clima de amizade, até para aproximar. Só ouvi coisas boas relacionadas às formações em relação ao instrumento que era formalizado. Além daqueles questionários, por várias vezes, eu fiquei responsável em fazer uma espécie de tabulação desses questionários, desses instrumentos avaliativos. Essa tarefa também me permitiu observar de que forma as pessoas reagem em relação aquilo que a gente estava aplicando. Aquilo que a gente estava fazendo. Na maioria das vezes essa avaliação era muito positiva. Tendo a oportunidade de trabalhar tanto em cidades que são pouco desenvolvidas, com índices que são menos desenvolvidos em diversas regiões e isso gerava impactos diferenciados, então, me lembro, por exemplo, que minha primeira formação foi em Amapá. Quando chegamos lá as pessoas se demonstravam extremamente felizes com a nossa presença porque éramos professores de diversas universidades, mestrandos, doutorandos, doutores e isso brilhava muito. Tive oportunidade de participar de formações em São Paulo, onde a maioria dos monitores tinha algum tipo de formação em Educação Física e avaliavam a formação como, não trazendo tanta novidade para eles, porque de certa forma eles passavam pelo processo formativo do terceiro grau do curso de Educação Física especificamente e aquilo que a gente levava nas formações não soava como novidade, como novo. Porque parece que o objetivo dessas formações era

justamente abordar esses monitores que tinham uma formação um pouco maior que acabava sendo a maior parte, o maior número de monitores atuantes no Programa eles tinham um nível de escolaridade baixo.

M.M. – Professora Juliana, quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

J.S. – Bem, se for pensar dentro de um quadro de possibilidades de questões que são limitantes eu penso que, por exemplo, o material que a gente apresentava... É claro que você, ao se expressar, dá um pouco de si na hora de apresentar o material, mas o material de certa forma era limitante porque a gente já tinha apresentações prontas. Claro que por várias vezes eu mesma modifiquei alguns slides, vi colegas também modificando o slide, não para fugir da proposta, para falar outra coisa, para falar coisas contrárias do que a gente era orientado, mas no sentido de aprofundar um pouco mais. Eu identificaria como algo limitante o material audiovisual que nos era fornecido para de certa forma reproduzir.

M.M. – Você encontrou dificuldades para atuar no Programa?

J.S. – Não. Não encontrei dificuldades.

M.M. – Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

J.S. – Nossa, os pontos positivos foram muitos! Desde fazer amigos em diversos lugares, trocar experiências, conhecer lugares. Conhecer essas outras pessoas que não o grupo de formadores. Essas pessoas, algumas eu tenho contato até hoje via *facebook*, via *whatsapp*. Elas sempre mandam alguma coisa, perguntam, pedem orientação dentro da nossa área de trabalho, da nossa área de atuação e isso eu consigo enxergar

como algo de impacto positivo mesmo. Então tanto para a formação pessoal como para a minha formação profissional foi muito importante, foi muito positivo.

M.M. – E, na sua opinião, o Esporte da Escola ele cumpria o papel de inclusão social?

J.S. – Isso é um pouco difícil da gente avaliar, Mayara. Porque a gente trabalhava com os monitores, quantas vezes a gente foi lá na escola para ver como eles trabalhavam? Fica um pouco complicado a gente avaliar isso.

M.M. – Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

J.S. – Eu não fiz visita de avaliação porque no momento que essas visitas aconteceram em um maior número foi quando estava compondo essa Equipe 21 e como a maioria das escolas que aconteciam eram no Rio de Janeiro, era um pouco ruim em termos de logística me deslocar do Espírito Santo para fazer uma visita no Rio, sendo que tinha um monte de gente por lá, de formadores no Rio. Eu acabei não fazendo nenhuma visita, coletei algumas informações de algumas escolas aqui de Espírito Santo, mas esse fato de pouca intimidade não me dá condições de avaliação se a inclusão acontecia ou não. Agora perceba, durante a minha pesquisa de campo do doutorado, que foi em uma aldeia indígena em Mato Grosso, nós tivemos um professor da escola que participou da formação que aconteceu em Cuiabá. Eu não fiz parte dos formadores, também não tive conhecimento de quais dos nossos colegas participaram da formação, mas observei um impacto muito grande na prática desse professor lá na aldeia. Porque ele tinha ideias novas, várias questões que a gente estava trabalhando e falando, isso aparecia nas intervenções dele e ali dentro daquele ambiente

especificamente eu via a inclusão acontecendo, agora falar de uma maneira geral acho que fica um pouco complicado.

M.M. – Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

J.S. – O mais significativo foi o primeiro, não sei se porque foi o primeiro ou porque foi o mais longe. Saí de Campinas e fui para Macapá. Foi bem distante, conheci um Brasil que até então eu não conhecia. Foi o lugar mais distante que eu já tinha ido dentro do nosso país e gostei muito, por esses aspectos mesmo culturais e foi bastante significativo para mim. Especificamente esse! Acho que por todas essas questões que eu falei. Acho que a viagem, assim, a formação mais significativa foi essa, pela recepção também que a gente teve, pelas pessoas, o lugar em si e por ter sido a primeira mesmo.

M.M. – Tem alguma coisa que eu não te perguntei, mas que você acha muito importante de registrar em relação ao Esporte da Escola?

J.S. – Eu acho que essa proposta podia... Assim, fico triste dela ter perdido força porque era algo que a gente via acontecendo e, como eu te falei, a minha inserção nessa aldeia indígena, eu via acontecendo na ponta. Soube de outras realidades que as coisas também aconteciam e funcionavam muito bem e nunca tinha trabalhado ainda com essas ações afirmativas, com políticas públicas e achei super legal. Porque é você participando de uma história, fazendo acontecer e buscando fazer diferença nessa história, eu só lamento de ter perdido força. A gente viu o início do investimento que foi feito, o material que foi produzido, o carinho que foi produzido, materiais belíssimos. Hoje eu atuo dentro de uma universidade e eu uso esse material junto com os meus alunos, sempre que tenho a oportunidade eu indico, porque reconheço a sua importância e reconheço também a sua... A questão de teor, uma linguagem acessível, ao mesmo tempo que fala das questões com uma

responsabilidade, então, indico sempre esse material. Fico muito feliz de ter participado. A minha história parte da escola foi bem curta, coisa de um ano e dois meses, mas me trouxe muitas experiências, muitas experiências ricas.

M.M. – Juliana, muito obrigada mesmo por ceder teu tempo para falar sobre tua trajetória no Esporte da Escola!

Loreta Melo Bezerra Cavalcanti



Local e data: Natal, 18/09/2017

Contato do CEME: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, 2005), Mestrado em Educação (UFRN, 2008) e Doutorando no mesmo Programa de Pós-Graduação. Professora de Educação Física do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – Campus João Câmara. Integrante do Grupo de Estudos Fenomenologia e Movimento – ESTESIA.

Questionário

Mayara Maia (M.M.) – Olá, professora Loreta! Agradecemos por sua disponibilidade em responder este questionário. Primeiramente, você poderia contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Loreta Cavalcanti (L.C.) - Meu envolvimento no contexto de desenvolvimento de formações se deu em 2008 através da participação na Equipe Colaboradora 05, de Pernambuco. Comecei como colaboradora assumindo posteriormente a vice coordenação e a coordenação. Em virtude do concurso para o IFRN, no qual assumi

como professora em 2012, fui transferida para colaborar com a Equipe Colaboradora 03, que abrangia os estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Ainda em Pernambuco acompanhei à distância os primeiros contatos dessa parceria do Ministério do Esporte com o Ministério da Educação, em que o primeiro Ministério tinha a perspectiva de ampliar a metodologia do Programa Segundo Tempo para uma maior abrangência, sendo esse um caminho bastante interessante de efetivação. Quando a parceria já estava celebrada e iniciaram-se as formações das equipes específicas, a produção dos materiais e os primeiros cursos de capacitação, mantive minhas atividades Na Equipe Colaboradora 05. Mas quando o trabalho se expandiu para as outras equipes, participei efetivamente como formadora em treze cursos ministrados na região nordeste.

M.M. - Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

L.C. - Fui colaboradora formadora nos cursos do Esporte da Escola na Equipe Colaboradora 03, responsável pelos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba.

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

L.C. - Participei de várias formações e reuniões entre os anos de 2008 e 2015 promovidas pelo Ministério do Esporte. Sobre o Esporte da Escola especificamente, houve uma capacitação em Brasília no ano de 2015. As capacitações apresentavam momentos mais expositivos, em que os autores dos materiais didáticos expunham teoricamente como foram construídos, e momentos práticos, no formato de rodízio, em que experimentávamos as metodologias das aulas propostas nos textos. Havia ainda a possibilidade de apresentarmos críticas e sugestões para debate antes do material didático ser finalizado.

M.M. - Você participou de algum processo de algum curso de extensão?

L.C. - Participei de treze cursos de extensão, todos na região nordeste. Normalmente a equipe se reunia para planejar datas (embora algumas já viessem determinadas), logística, programação, planejar como seriam abordados os conteúdos dos cursos e quem seria responsável por cada um deles. Havia partes expositivas e práticas, rodas de discussão e avaliação. Ao final de cada dia a equipe também se reunia para avaliar o desenvolvimento da programação.

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

L.C. - Realizei visitas quando a parceria entre os programas ainda não estava completamente consolidada do ponto de vista da metodologia e da formação dos professores. Nesse sentido, ainda não havia clareza sobre o viés pedagógico assumido pelo Esporte da Escola, muito menos sobre suas diretrizes. Para preencher os questionários, buscávamos entrevistar o diretor ou diretora da escola, os profissionais responsáveis pelas aulas e um grupo de alunos que estivesse no momento. Repassávamos os dados em arquivo de edição de texto para o Ministério do Esporte.

M.M. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

L.C. - O curso realizado em São Miguel, no Rio Grande do Norte, marcou porque embora a escola onde foi sediado não apresentasse nenhuma estrutura esportiva, a equipe precisou se reinventar para demonstrar na prática que isso poderia ser contornado e que era possível realizar atividades divertidas, interessantes e significativas em espaços diversificados.

M.M. - Qual é a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

L.C. - Foram momentos muito especiais tanto para quem teve a oportunidade de atuar na formação quanto para quem participou como aluno, pois a experiência de praticar, refletir sobre essa prática e se refazer enquanto profissional mostrou ser muito rica. Obtivemos muitas surpresas boas e ótimos retornos que nos demonstraram que os objetivos almejados nos cursos chegaram para a ponta, para os beneficiados do projeto.

M.M. - Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

L.C. - Formação rica e diversa, metodologia simplificada, linguagem acessível, material de ótima qualidade, abrangência significativa de beneficiados (mesmo considerando a dimensão continental do programa).

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

L.C. - Descontinuidade das formações e do programa em si.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

L.C. - Cumpria e podíamos observar isso a partir do retorno dos participantes dos cursos de extensão em práticas propostas por nós ou recriadas por eles para os seus contextos.

M.M. - Professora Loreta, você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

L.C. - Considero o meu período de participação nas Equipes Colaboradoras e na formação de monitores e professores do Programa Segundo Tempo e Esporte da Escola como precioso na minha carreira, inesquecível porque acreditávamos que, de fato, estávamos trilhando um caminho concreto para a materialização do Esporte Educacional.

M.M. - Obrigada pela sua contribuição, professora Loreta!

L.C. - Por nada!

Luiz Antônio Silva Campos (Monó)



Local e data: Uberaba, 24/08/2017

Contato do CEME: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Graduado em Educação Física (1980) e em Pedagogia (1982), Especialização em Treinamento Desportivo (PUC/MG, 1985), Mestrado em Ciências e Práticas Educativas (UIFRAN, 1999) e Doutorado em Educação Física (UNICAMP, 2004). Professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba-MG.

Questionário

Mayara Maia (M.M.) – O Esporte da Escola foi uma atividade de integração do Programa Segundo Tempo e do Programa Mais Educação. Você poderia nos contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Luiz Campos (L.C.) – Estou há mais de quarenta anos trabalhando com esportes coletivos e individuais como a natação. Professor atuante em escolas de Ensino Fundamental e Médio ministrando aulas de Educação Física e treinamento esportivo. Partiu da prática pessoal de atleta em várias modalidades, dentre elas, natação, karatê, Aikido, capoeira, vôlei, Basquete, handebol e goleiro.

M.M. - Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

L.C. - Membro da Equipe Colaboradora 13 de Minas Gerais. Fui professor das modalidades esportivas coletivas, lutas e jogos individuais.

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

L.C. - Participei de vários cursos, mas de capacitações somente dos encontros em Brasília. Os demais se davam nos encontros da Equipe que ia atuar em algum Estado ou cidade mineira.

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

L.C. - Participei de várias avaliações, às vezes em equipe, outras individualmente. O questionário era extenso e era preenchido manualmente e depois lançado no sistema do Ministério do Esporte. Visitava a escola e abordava os professores de Educação Física que dispunham o material de registro ou entrevistas para o preenchimento.

M.M. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

L.C. - Sim, em Belo Horizonte na qual percebi o empenho da organização e a participação ativa dos professores do Programa Segundo Tempo.

M.M. - Qual a sua opinião sobre o processo da capacitação dos agentes sociais?

L.C. - Apesar de serem rápidas, poucos dias, imagino sempre que deixam os professores do Programa Segundo Tempo abertos e capacitados com novas ideias de trabalho no seu núcleo.

M.M. - Qual é a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão?

L.C. - A disponibilidade e o envolvimento de todos que capacitavam, o empenho dos capacitados, às vezes, com recursos mínimos faziam um bom trabalho. No fundo, o investimento do governo neste projeto deveria continuar porque levava um conhecimento e uma prática esportiva interessante para crianças e adolescentes.

M.M. - Que pontos destacaria como positivos do Esporte da Escola?

L.C. - O tempo de curso de cada local, a mobilidade para lugares difíceis de alcançar e, algumas vezes, resistências pontuais de professores e monitores.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

L.C. -. Foi uma pena que os recursos diminuíram e as Equipes Colaboradoras foram enxugadas.

M.M. - Você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

L.C. - Foi um trabalho que desenvolvi com muita intensidade e na minha vida profissional deixou uma marca positiva. Conhecendo outros profissionais ótimos e percebendo que mesmo na diversidade deste grande Brasil, a linguagem do esporte é unificadora e única.

M.M. - Obrigada pela sua contribuição, professor Monó!

Maria Aparecida Dias (Cida)



Local e data: Natal, 20 de julho de 2017

Entrevistadora: Bruna Priscila Leonizio Lopes

Transcrição: Bruna Priscila Leonizio Lopes

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Tempo de entrevista: 36 minutos

Minicurrículo

Graduação em Educação Física (Universidade Castelo Branco, 1985), Especialização em Psicomotricidade (Universidade Estácio de Sá, 1992), Mestrado e Doutorado em Educação (UFRN, 2002 e 2006). Professora do Departamento de Educação Física da UFRN.

Entrevista

Natal, 20 de julho de 2017. Entrevista com Maria Aparecida Dias a cargo da pesquisadora Bruna Priscila Leonizio Lopes para o Projeto Memórias do Programa Segundo Tempo do Centro de Memória do Esporte.

Bruna Lopes (B.L.) – Olá, professora Cida, você poderia nos contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Maria Aparecida Dias (M.D.) - Sim. Meu envolvimento com o Esporte da Escola se deu em função efetivamente como a maioria das pessoas que se envolveram com o Esporte da Escola, que já faziam parte das Equipes Colaboradoras do Programa Segundo Tempo. Então, desde 2009 eu fazia parte da Equipe Colaboradora 03, aqui do Rio Grande do Norte, onde a gente atendia os Estados, no primeiro momento, aqui do Rio Grande do Norte, da Paraíba e do Ceará. Em em alguns momentos quando nós éramos convidados, mas efetivamente Paraíba e Rio Grande do Norte; a partir daí, se eu não me engano, em 2012, 2014, mais ou menos, foi efetivado o processo das Equipes Colaboradoras trabalharem no Esporte da Escola. E desde o início do lançamento dessa proposta do Esporte da Escola que a Equipe Colaboradora 03 foi trabalhando, foi quando a gente foi para o Brasil inteiro fazer esse trabalho do Esporte da Escola.

B.L. - Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

M.D. - Bom, eu participava como representante da Equipe Colaboradora formadora. Nessa Equipe Colaboradora em determinado momento, eu trabalhava como membro da Equipe e, logo que começou o Esporte da Escola em 2014, eu fui para a vice-coordenação da Equipe, sendo coordenada pelo professor José Pereira de Melo.

B.L. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

M.D. - Eu participei de todos os processos de capacitação que aconteceram para o Esporte da Escola. Se eu não me engano, o primeiro que nós fizemos foi na UFRGS, o segundo e o terceiro foram em Brasília num hotel onde todo mundo ficou hospedado. Efetivamente o que eu posso dizer é que o primeiro teve a preocupação de dialogar com todos os membros das Equipes Colaboradoras sobre a proposta do

Esporte da Escola. Então, os livros ainda estavam brancos, eram livros que ainda estavam sendo construídos. Foi entregue para gente algum tempo antes e nesse encontro presencial a gente foi viver algumas experiências de cada prática, de cada caderno: o um, o dois, o três e o quatro. E lá discutíamos para ver os prós e os contras da proposta. Já no segundo e terceiro encontro a proposta estava consolidada e a gente viveu outras experiências e já fazendo alguns relatos das nossas experiências nos cursos que já estavam começando em cada local de atuação da gente. Pontos positivos dessas experiências: o próprio material didático. Eu compreendo que ele é muito rico, acho que ele poderia ter sido mais socializado, mas a gente compreende que em determinados momentos, o grupo tem que dar uma resposta rápida ao Ministério do Esporte e para construção desse material, não era possível demorar muito. Acho que algumas Equipes Colaboradoras poderiam ter sido mais ouvidas, entendo que houve um recorte mais específico de quem estava próximo da formação, mas é alguma coisa da gente pensar no futuro e as práticas, de modo geral, eram bastante exitosas com professores que já tinham uma super experiência na área e que já conheciam bastante profundamente os pressupostos social do Programa Segundo Tempo, que foram evidentemente encaminhados para o Esporte da Escola. A lógica do Esporte da Escola é uma lógica pedagógica que é muito interessante. Ele quebra esse paradigma que a gente tem que iniciar por aspectos técnicos, coisa que efetivamente a gente faz na própria formação em Educação Física ainda com alguns olhares que permeiam sobre isso. E quando a gente vai para a escola com os nossos alunos na formação inicial, a gente ainda verifica essa ideia. Então, ele vem quebrar esse paradigma e é uma proposta que traz um olhar mais inclusivo para as práticas corporais para que, de fato, todo mundo possa vivenciá-las.

B.L. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

M.D. - Muitas visitas, inúmeras visitas em vários lugares do Brasil. E assim, a questão trata bem de como a gente fazia essa avaliação. Efetivamente, a nossa orientação era que a gente observasse toda a manhã ou tarde dos professores que estavam atuando e depois disso, após o trabalho dos professores a gente sentasse para o preenchimento do questionário. A minha experiência é que eu assistia as aulas e depois sentávamos para que eles pudessem preencher de acordo com cada questão. E naquele momento, era o momento em que eu poderia fazer algumas intervenções junto a esses professores no que diz respeito à proposta do Esporte da Escola, porque algumas vezes a gente via que por mais que eles estivessem com o material pedagógico do Esporte da Escola, eles mantinham a mesma ação pedagógica que eles faziam na aula de Educação Física ou enfim, como eles trabalhavam no próprio Programa Segundo Tempo. Em alguns casos, alguns monitores em algumas cidades mais distantes não eram da área da Educação Física, isso nós conseguíamos observar. Alguns monitores não tinham formação de nível superior ou pelo menos não estavam cursando o ensino superior na área de Educação Física; eram pessoas que tinham concluído o Ensino Médio e, obviamente, que tinham umas dificuldades para entender a proposta. Era nesse momento do preenchimento do questionário que a gente fazia essas intervenções e colaborava de alguma maneira para que eles pudessem revisar o material pedagógico.

B.L. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

M.D. - Como eu fui a todas capacitações, muitos cursos de extensão e muitas avaliações... Capacitações mais significativas... Que me marcou mais significativamente eu, como aluna da capacitação, ou seja, pela Equipe Pedagógica que estava sendo dada e aí mais os colegas professores das outras universidades que eram responsáveis... Eu diria que a que mais me marcou foi a primeira, por quê? Porque a primeira a gente discutiu mais sobre as questões; segundo, tinha uma proposta

nova que fez com que a gente refletisse a prática da Educação Física na escola de modo geral. Tanto é que vários cursos que a gente deu pelo Brasil, muitas pessoas que não eram monitoras, nem atuavam no Programa Esporte da Escola, procuravam. As prefeituras liberavam os professores e era um sucesso a vinda dos professores que não atuavam no Esporte da Escola, mas que aquele curso ajudou para que eles modificassem a atuação deles nas escolas, enquanto professores de Educação Física escolar. Então, a primeira foi a que mais me marcou por conta da proposta nova. A gente estava com uma coisa nova pela frente que a gente ia ter que passar para o Brasil inteiro, mas antes disso, a gente tinha que compreender o processo, então, essa foi a que mais me marcou. Um curso que marcou muito para nós, em relação a nossa atuação? Foram muitos porque sempre houve uma participação muito grande das pessoas. Acho que um deles foi em João Pessoa, porque a gente teve um quantitativo de mais de 150 pessoas entre professores e monitores. Outro foi que nós tivemos 200, acho que 400: dois grupos de 200 que nós tivemos em Patos, na Paraíba que também foi muito interessante. E o último que foi para gente muito significativo, foi o de Mossoró, uma cidade aqui no Rio Grande do Norte, onde nós tivemos um acidente automobilístico envolvendo toda a equipe, e tivemos que passar uma semana dando curso para mais de 300 professores. Eu lembro que no primeiro dia foi muito difícil, mas no final a gente saiu muito feliz porque foi um sucesso de respostas positivas das pessoas que estavam lá e foi um sucesso porque a gente conseguiu sobreviver ao processo, que foi um processo bem difícil.

B.L. – Qual é a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

M.D. - Eu sempre achei muito interessante essa ideia de você ter no primeiro momento o envolvimento da EaD para as pessoas terem acesso ao material. Obviamente não conseguia atingir todo mundo mas muitas vezes quando, nós chegávamos já para fazer o trabalho mais prático ou

então fazendo essas discussões, as pessoas já tinham visitado o material, já tinham feito o curso desenvolvido pela EaD. Então, eles não chegavam assim “crus”, como muitas vezes acontecia quando a gente fazia capacitações do Programa Segundo Tempo. Eu acho que o Esporte da Escola, por ter a EaD anterior ao encontro presencial, ele foi muito significativo em relação a isso. E como também, em alguns momentos, a gente foi até lá e as pessoas não tinham esse envolvimento e depois disso, a gente falando sobre o curso, a resposta para o curso foi muito interessante para a EaD, então, foram os dois momentos. Eu acho o curso do Esporte da Escola muito mais interessante do que a capacitação que nós fazíamos no PST, muito mais, infinitamente. Não só do material pedagógico. Os vídeos, o livro em si, as propostas muito mais dinâmicas e acho que, pelo menos a equipe que eu fazia parte, compreendeu exatamente isso. Era muito prazeroso dar esses cursos, muito prazeroso. É uma experiência que lamento por conta do que politicamente a gente está vivendo, no último ano que depois a gente vai falar melhor sobre isso.

B.L. – Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

M.D. - Pontos positivos: pessoas que falavam que essa lógica pedagógica, era uma lógica muito interessante e inclusiva, que fez com que professores e pessoas que trabalhavam com o Esporte da Escola ou não, que eram professores da Educação Física escolar nas escolas públicas em várias cidades e Estados que a gente foi, fez com que eles repensassem sua prática pedagógica, então, eu acho isso um ponto muito positivo. Até hoje eu uso com o PIBID⁴¹, como coordenadora do PIBID daqui da minha instituição, na Educação Física, é um material didático que a gente usa para que os alunos de iniciação à docência possam estar utilizando junto com seus supervisores nas seis escolas que a gente atua. Ainda vejo como um material riquíssimo, por mais que a gente tenha autores significativos na área da Educação Física

⁴¹ Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência.

escolar, mas entendo que esse caminho que foi dado pelo Esporte da Escola, ele traz grandes benefícios, em termos positivos. E não sei se a gente tem algum ponto negativo. Talvez alguns arranjos de material que em alguns lugares não é possível, mas em contrapartida, o próprio material pedagógico que está exposto lá no caderno, ele propõe que você crie alternativas, que você possa criar alternativas de utilização e construção de materiais, então, eu acho assim, que de um modo geral tem mais pontos positivos do que negativos. Sabemos que alguns vetores epistemológicos talvez não consigam dialogar muito bem, mas na prática pedagógica dos professores, ele tem um resultado muito interessante, a gente tem visto isso.

B.L. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

M.D. - Uma limitação foi em alguns momentos a gente não ter um público que pudesse ter um diálogo mais aprofundado, mas em contrapartida a essa nossa realidade, a gente tinha que criar estratégias metodológicas nas formações e propostas pedagógicas que fossem compreendidas por todos que estavam ali. Dificuldades encontradas também na questão da logística: em algumas cidades era muito complicado da gente fazer o trabalho, mas também tínhamos que fazer nossos ajustes porque muitas dessas pessoas trabalhavam também em lugares complicados, então assim, em alguns lugares tinha uma estrutura de um ginásio maravilhoso que a gente podia estar trabalhando por mais que nós levássemos os materiais. E outros lugares que a gente tinha um espaço muito pequeno com uma quantidade de gente muito grande e era o que a cidade podia oferecer. De qualquer maneira, eu entendo que são dificuldades, são limitações, mas que provocava na Equipe Colaboradora ajustes e organizações pedagógicas que a gente não tinha noção se éramos capazes ou não. E dava certo, a gente conseguia fazer, então, para a gente também foi um grande aprendizado. Eu vejo limitações e dificuldades que colaboraram

muito para nossa aprendizagem de reconhecimento do tamanho do país que a gente vive, de reconhecimento das diferenças que estão aí no nosso país, de reconhecimento de que se você é um professor de Educação Física ou professora de Educação Física e a tua aula não pode deixar de acontecer porque você não tem o espaço ideal ou as condições ideais, você tem que fazer e, obviamente, que buscar sempre a possibilidade de ter as condições ideais e espaços ideais, mas isso não poderia ser impedimento, e a gente aprendeu muito com isso. Não houve nenhum momento, desde uma condição maravilhosa e uma condição precária que a gente não tivesse efetivamente cumprido a nossa proposta pedagógica naquelas capacitações, e isso me gerou muitas aprendizagens, inclusive como professora formadora aqui na universidade.

B.L. – Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

M.D. - Sim. Eu acho que o Esporte da Escola cumpriu o papel de inclusão social em duas vertentes ou em dois vieses, o primeiro deles é de possibilitar que as pessoas que estavam ali, trabalhando, independentemente de ter uma formação, uma graduação em Educação Física, tivessem acesso de como trabalhar nos seus locais com o Esporte da Escola, pensando no Mais Educação como pressuposto. E aí essa inclusão se faz assim, primeiro já dizendo que você mesmo não tendo a formação em Educação Física, você poderia ser monitor, então, eu entendo que isso já é uma inclusão social por mais dificuldades que possam aparecer. Não faço parte daquele grupo que entendia que somente alunos de Educação Física ou professor de Educação Física poderia atuar no Mais Educação. Acho que nosso país ainda não estava pronto para isso como ainda não está. Obviamente que seria uma tendência. Eu ouvi vários depoimentos de jovens do Mais Educação que estavam fazendo a capacitação e trabalhando com o Esporte da Escola que no final da capacitação diziam assim: “Agora, eu já sei qual

profissão eu quero ter. Eu quero ser professor de Educação Física”. Então, eu entendo isso como inclusão social, entendo isso como uma valorização e uma divulgação do que é ser um professor de Educação Física na perspectiva da licenciatura. Isso é uma coisa que eu vivenciei como agente desse processo, e acho que já respondo um pouco a questão do “Por quê?”. Obviamente a outra ponta que eram as crianças e adolescentes que tinham acesso a isso. Se eu tenho uma perspectiva inclusiva na prática, ou seja, alguma coisa voltada para que todos possam fazer, independentemente de ter uma deficiência, independentemente de ter talento esportivo ou não, obviamente que isso gera uma inclusão social numa perspectiva de trabalho de grupo, de uma perspectiva de saúde, de uma perspectiva de lazer, de uma perspectiva de diminuir os riscos das comunidades em que essas crianças e jovens viviam. Eu acho que o Esporte da Escola é um programa efetivamente sensacional. Obviamente que a gente sabe também que muitas vezes não conseguia atingir 100% do processo, porque nós estamos falando de gente, e onde tem gente você não atinge 100% porque existem as necessidades dessas pessoas que você não consegue atingir. Mas acho que houve um esforço muito grande para isso, coisa que o próprio Programa Segundo tempo não conseguia dar conta. Acho que o Programa Segundo Tempo tem um nicho específico e quando chega no Esporte da Escola, esse nicho é ampliado de uma forma muito mais inclusiva do que a própria proposta do Programa Segundo Tempo, esse é o meu olhar.

B.L. – Professora Cida, você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

M.D. - Só queria que voltasse o Esporte da Escola. Só queria que voltasse o Programa Segundo Tempo, mas com o olhar que nós tínhamos quando a gente vivia o Programa Segundo Tempo sobre uma perspectiva de um Governo Federal Inclusivo. Eu não sei como não só o Esporte da Escola como o Programa Segundo Tempo podem se efetivar

num país onde não há um olhar inclusivo, não há uma proposta de programa político inclusivo, muito pelo contrário: propostas que estão aí, como a proposta da Reforma do Ensino Médio, propostas que estão aí, como a proposta da Reforma da Previdência, a Reforma Trabalhista, eliminação da CLT⁴²... Obviamente que um governo como esse não vai de forma nenhuma beneficiar nenhum tipo de programa onde exista possibilidade de expressão das pessoas envolvidas neles. Então, assim, o que eu gostaria que nós pudéssemos ter passado esse tormento que nós estamos vivendo e algumas situações... Não que não fossem perfeitas, porque não eram perfeitas e nada que tem gente é perfeito; é sempre a gente tentando renovar, a gente tentando refazer, tentando refletir sobre o que está sendo feito e modificar quando for necessário, mas a gente não tem mais essa oportunidade. Tenho muito orgulho de ter participado desse processo, tenho muito amigos dentro desse processo. Acho que a gente contribuiu muito enquanto Equipe Colaboradora aqui do Rio Grande do Norte. Tomara que as coisas possam voltar, não sei se para os seus devidos lugares, mas para os lugares onde um projeto social tinha seu valor significativo, e isso só é possível com uma gestão inclusiva e com essa gestão que a gente está vivendo, tudo fica muito difícil. Parabenizar a vocês que estão tentando fazer esse resgate histórico, devem ter muitas histórias boas contadas por todo mundo. Gostaria de dizer que a gente está aí para contribuir com tudo que for absolutamente necessário.

B.L. – Obrigada por sua contribuição, professora Cida!

⁴² Consolidação das Leis de Trabalho.

Mayara Cristina Mendes Maia



Local e data: Porto Alegre-RS, 18/09/2017

Contato do CEME: Silvana Vilodre Goellner

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Graduação em Educação Física (UFRN, 2013) e Mestrado em Estudos da Mídia (UFRN, 2016). Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Foi professora de Educação Física na escola Atheneu Norte-rio-grandense em Natal/RN. Integra a equipe do Centro de Memória do Esporte (CEME) e do Grupo de Estudos Esporte, Cultura e História (GRECCO).

Questionário

Silavana Goellner (S.G.) – Mayara, você poderia contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Mayara Maia (M.M.) – Conheci o Esporte da Escola em julho de 2014 quando fui convidada pela coordenação da Equipe Colaboradora 03, equipe de Natal, para compor o grupo que atuaria com o Esporte da Escola. Eu fazia mestrado na época e atuava como professora de Educação Física do Estado do Rio Grande do Norte.

S.G. - Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

M.M. – Pelo Programa Segundo Tempo. Inicialmente só atuei no Esporte da Escola como professora formadora ministrando cursos de extensão presenciais, realizando a construção dos planejamentos e relatórios finais dos cursos com toda a equipe envolvida e visitando escolas vinculadas ao Esporte da Escola. Em 2015, também ministrei atividades de formação e visitas pelo PST padrão junto à Equipe Colaboradora 03.

S.G. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

M.M. – Participei de uma capacitação em julho de 2014 na cidade de Porto Alegre junto aos outros membros do Brasil que também atuavam nos cursos de extensão presenciais. Participei também de um encontro de avaliação e encerramento anual do Esporte da Escola em dezembro de 2014 que ocorreu em Brasília. O processo de capacitação foi dividido em momentos de exposição teórica e em momentos de vivências práticas que serviram de apoio para compreensão e realização dos cursos de extensão. As temáticas baseavam-se na descrição do Esporte da Escola e de seu material pedagógico, além de modelos de organização e planejamento para os monitores. O encontro de dezembro também contemplou o PST como um todo, mas sobre o Esporte da Escola especificadamente, apresentou dados dos cursos realizados, das visitas e das avaliações da atividade como um todo, além de momentos reflexivos e dialogados sobre a continuidade do Programa. Quanto aos Cursos, entre os anos de 2014 e 2015, fiz parte da equipe de formação de 15 cursos por todo o Brasil. Fui a Mossoró no RN duas vezes; a Patos na Paraíba duas vezes também; em Caicó (RN); Nova Iguaçu (RJ); Teresina (PI); Natal, três vezes; Ceará-mirim (RN), duas vezes; Ruy Barbosa (RN); Nova Cruz (RN); Salgado (PE). Nos cursos, existia a parte

expositiva e a parte prática com as temáticas do material pedagógico, explanação do que era o Esporte da Escola, demonstração do modelo de planejamento proposto e uma avaliação do curso pelos monitores.

S.G. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

M.M. - Sim. Não era considerada uma avaliação com um teor de julgamento da continuidade da atividade nas escolas, mas como uma visita às escolas para conhecer os formatos que estavam seguindo e como a atividade realmente conseguia ser implementada. Fui a três visitas. Uma em João Pessoa, outra em dois municípios do Rio Grande do Norte que não recorro o nome. Ao chegar nas escolas, era solicitado que a gestão, os professores de Educação Física, o coordenador do Esporte da Escola, o monitor e as crianças participantes do Programa respondessem um questionário.

S.G. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

M.M. - Todos os cursos me marcaram muito. A disposição em apreender novos conhecimentos e a troca de experiências entre os monitores com a equipe formadora era gratificante. Aprendi muito, evolui demais como profissional e como pessoa. Mas, tentando deixar algum registro marcante desses cursos, posso falar de momentos. A recepção feliz e carinhosa em todos os lugares sempre me encantava, escutar de alguns: “Graças a esse curso, percebi que quero mesmo fazer o curso de Educação Física”; “Vocês trazem esperança para quem há muito tempo desanimou da educação brasileira”; “A dedicação e o carinho que vocês transmitem nas aulas fazem a gente sair tão confiante do nosso trabalho”; “Graças a esse curso, tenho conhecido outros monitores e organizado festivais juntos e trocado conhecimentos”. Tudo isso demonstrava a importância de uma

formação continuada e a sede de aprender que existe em muitos atores da Educação Física brasileira.

S.G. – Qual é a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

M.M. – Quanto à relevância, não tenho dúvida em afirmar o quanto foi significativo fazer parte dessa ação, pois se tratava de um processo de formação continuada disseminando conhecimento e troca de experiências na área da Educação Física como um todo, além do rico material pedagógico ainda hoje procurado, acessado e utilizado pelo Brasil inteiro. O curso oportunizava uma bagagem de novos conhecimentos culturais do corpo, além da ressignificação de antigos, centrando-se em práticas educacionais. Colocar os monitores para realizarem as práticas e refletirem sobre elas e as possibilidades de levarem aos seus alunos fazia o curso realmente proporcionar significados e sentidos aos participantes. Penso que a duração do curso era um dos poucos pontos negativos. Era muito conteúdo para pouco tempo de curso.

S.G. - Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

M.M. – Trazer uma nova roupagem de ação social ao romper com um esporte apenas competitivo nas escolas para uma diversidade de conteúdos de atividades físicas culturais e educativas. O Esporte da Escola apresentava uma gama de atividades que o aluno poderia experimentar e aprender, ampliando seu repertório motor, sua memória muscular e cultural e suas relações sociais. Levava material para escolas que não possuíam nem para a sua Educação Física Escolar, exigia formação continuada de seus agentes e disponibilizava material pedagógico para seus agentes.

S.G. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

M.M. - A não exigência de formação específica para os monitores que atuavam no Esporte da Escola me parecia algo de certa maneira positiva para os locais mais distantes do Brasil e como incentivador para nos formações nesse campo, mas também negativa quanto a absorção dos conteúdos e clareza nas funções. Era apenas dois dias de curso. Como dialogar sobre temas específicos se alguns monitores não possuíam bagagem sobre o básico da área e nem experiências anteriores? A propósito, o lance do curso ser em dois dias também era um ponto negativo como já citei em outra pergunta do questionário.

S.G. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

M.M. - Referindo-se a inclusão que ocorria nos cursos, sim. Nos que eu participei, percebi a inclusão sendo respeitada. Tivemos monitores com deficiência física, visual e auditiva, homens e mulheres, jovens e pessoas mais velhas. As atividades eram bem pensadas para cada público específico. Quanto ao material pedagógico, também afirmo que sim. Os livros abordavam temas transversais ligados à diversidade e a inclusão, como gênero e deficiências. Já quanto à efetividade da inclusão nas escolas, infelizmente não existe material específico de avaliação sobre a inclusão alcançada nas escolas participantes do Esporte da Escola.

S.G. - Mayara, você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

M.M. - Gostaria de deixar uma esperança. O Esporte da Escola foi uma ação muito importante para a história das políticas públicas no país referentes a Educação Física escolar. Um projeto maior, talvez o

Governo Federal com vínculo mais profundo com a Educação Física escolar, as universidades brasileiras, as entidades locais e com a obrigatoriedade de profissionais formados para atuar poderia trazer uma transformação significativa no papel da Educação Física escolar.

S.G. - Obrigada pela sua contribuição, Mayara!

Naira Lopes



Local e data: Guarulhos, 25/07/2017

Contato do CEME: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Licenciatura Plena em Educação Física (Faculdades Integradas de Guarulhos, 1988); Licenciatura Plena em Pedagogia (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarulhos, 1995); Pós-Graduação em Educação Física Infantil (Faculdades Integradas de Guarulhos, 1992); Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior (Universidade Gama Filho, 2010); atua na Prefeitura do Município de Guarulhos desde 1991

Questionário

Mayara Maia (M.M.) – Olá, Naira! Agradecemos por sua disponibilidade em responder este questionário. Primeiramente, você poderia contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Naira Lopes (N. L.) - Desde o início, em 2014, pois era vice-coordenadora da Equipe Colaboradora 21 (São Paulo) e participei do processo de implantação do Programa.

M.M. - Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

N. L. - Fazia parte da Equipe Colaboradora 21, do Estado de São Paulo com as funções de acompanhamento pedagógico, capacitação e formação de coordenadores de núcleo de esporte de base e coordenação de equipe colaboradora de convênios do Estado de São Paulo.

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

N. L. - Participei das capacitações de São Paulo, em outubro de 2014 e Diadema em junho de 2015. O processo de capacitação era feito através de oficinas teóricas e práticas sobre temas de esportes, dança, ginástica, lutas, atividades circenses, esportes de aventura e planejamento.

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

N.L. - Sim. A avaliação era feita através da observação das atividades oferecidas, bem como pelo preenchimento de questionários para os professores/monitores que ministravam as atividades, alunos e direção da Escola. Os questionários serviam de parâmetro para nortear um diálogo com os atores do processo.

M.M. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

N.L. - Todos os cursos foram muito significativos pelo envolvimento dos participantes e a disposição em apreender novos conhecimentos e a troca de experiências.

M.M. - Qual é a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

N.L. - Um processo de extrema importância para a disseminação do saber, resgate da cultura local, troca de vivências e organização de atividades.

M.M. - Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

N.L. - Oportunidade de levar a um grande número de crianças e adolescentes várias vivências do universo da Educação Física.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

N.L.- A não exigência de formação específica para os monitores que atuavam no Esporte da Escola.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

N.L. - Com certeza. As atividades elaboradas e propostas no material didático visavam a participação ativa dos participantes com o intuito de experimentar um grande número de vivências físicas e motoras, com atividades cooperativas.

M.M. - Professora Naira, você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

N.L. - Não.

M.M. - Obrigada pela sua contribuição, professora Naira!

Pamela Roberta Gomes Gonelli



Local e data: Piracicaba, 24 de julho de 2017

Contato do CEME: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Minicurrículo

Graduada em Educação Física e Mestrado em Educação Física (UNIMEP, 2005 e 2009). Atualmente é doutoranda no Programa Ciências do Movimento Humano da mesma instituição. É professora da Universidade Metodista de Piracicaba e coordena o curso de Pós-Graduação em Fisiologia do Esforço no Treinamento.

Questionário

Mayara Maia (M.M.) – Olá, professora Pamela. Primeiramente, você poderia contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

Pamela Gonelli (P.G.) - Em determinado período em que fazia doutorado, em 2014, fui convidada a participar por meio de um aluno que era meu colega em algumas disciplinas no mesmo Programa, “Ciências do Movimento Humano”. Ele me explicou sobre o Programa, achei muito interessante e fui pesquisar mais sobre o mesmo, diante disso um amigo de outra instituição também foi convidado. Enviei a documentação pedida e esperei o resultado. Desta maneira iniciou o

contato. A partir deste momento, fomos para a capacitação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul para sabermos o que realmente era e como iríamos atuar no Projeto, foram alguns dias de muito aprendizado.

M.M. - Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

P.G. - Ministrava palestras e atividades com os outros componentes da equipe. Era formadora da equipe do estado de São Paulo.

M.M. - Você participou de algum processo de capacitação ou de algum curso? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

P.G. - Sim. Sempre ocorriam reuniões para verificar o que iríamos realizar, separar as atividades e organizar as aulas. Nos locais em que participei a equipe sempre se mostrou muito unida. Todos se ajudam para que o curso ocorresse da melhor forma possível. Em alguns locais havia pessoas com muita dificuldade em aprender e era um desafio conseguir fazer com que ocorresse aprendizado no processo. A Equipe Pedagógica sempre nos auxiliou. Apenas uma única vez a Equipe Pedagógica foi, em minha opinião, pouco ética, porém não deixamos que a mesma atrapalhasse o processo. Os cursos que fui foram em 2014: Contagem (MG), Canoas e Vacaria (RS), Nova Iguaçu e Itaguai (RJ).

M.M. - Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

P.G. - Infelizmente não participei de nenhum processo de avaliação.

M.M. - Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

P.G. - Sim, uma no Rio de Janeiro, no qual tinha um senhor que era uma pessoa muito especial, tudo que fizemos ele deu muito apoio e tudo era muito bem recebido por ele, era algo que contagiava as atividades. Deixava o ambiente muito acolhedor. Uma pessoa marcante.

M.M. - Qual é a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

P.G. - Acredito ser um processo importante, porém alguns pontos devem ser repensados, pois sou defensora da área de Educação Física, e acredito que se o curso fosse somente para educadores físicos, os resultados poderiam ser mais positivos para a população e para a área.

M.M. - Que pontos você destacaria como positivos do Programa?

P.G. - Momento de discussão de temas relevantes para o melhor desenvolvimento da área de Educação Física; visões diferentes de pontos abordados; aulas diferentes; melhores estratégias de organizar e ministrar aulas; novos desafios para transmissão de conhecimentos.

M.M. - Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

P.G. - Não encontrei limitações. As dificuldades acredito que estavam no pouco tempo de organizar e transmitir tudo.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

P.G. - Sim. Pois conseguiu formar pessoas com diferentes níveis de conhecimento.

M.M. - Você gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

P.G. - Acredito que não.

M.M. - Obrigada pela sua contribuição.

Rogério da Cunha Voser



Local e data: Porto Alegre, 27/07/2017

Entrevistadoras: Mayara Cristina Mendes Maia e Leila Carneiro Mattos

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão final: Silvana Vilodre Goellner

Tempo da entrevista: 31 Minutos

Minicurrículo

Graduação em Educação Física (UFPEL, 1988) e em Fisioterapia (ULBRA, 1999), Especialização em Ciências do Futebol e do Futebol de Salão (Faculdades Integradas Castelo Branco, 1990), Mestrado em Ciências do Movimento Humano (UFRGS, 1998), Doutorado em Ciências da Saúde (PUCRS, 2006). Atualmente é Professor da ESEFID/UFRGS e coordenador do Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência/PIBID - Educação Física da UFRGS.

Entrevista

Porto Alegre, 27 de julho de 2017. Entrevista realizada com o Rogério da Cunha Voser a cargo das pesquisadoras Mayara Cristina Mendes Maia e Leila Carneiro Mattos para o Projeto Memórias do Programa Segundo Tempo do Centro de Memória do Esporte.

Mayara Maia (M.M.) – Professor, você poderia falar como conheceu o Programa Segundo Tempo?

Rogério Voser (R.V.) – Olha, logo que começou o Programa Segundo Tempo, o Ricardo⁴³ estava com algumas tratativas, acho que iniciais, e o primeiro contato que eu tive foi quando ele estava de férias na praia. Me lembro que isso deve ter sido em janeiro e o Ricardo me convidou para participar de uma capacitação daqueles que iriam ingressar no Programa Segundo Tempo. Se não me engano era em Santa Catarina, mas me pegou de surpresa e eu não tinha como finalizar todas as minhas férias programadas com a família. Acabei não aceitando aquele primeiro convite em função de impossibilidade e não pude então participar do início do Segundo Tempo. Eu já sabia desde essa época que existia o Programa Segundo Tempo, que era um Programa Federal onde a UFRGS fazia toda a logística. A estrutura toda seria aqui, no Rio Grande do Sul, aonde chegaria o dinheiro, e esse dinheiro seria distribuído para todas essas demandas dos processos do Programa Segundo Tempo. Passou alguns anos e houve a possibilidade da minha inclusão porque aumentou muito a demanda. O PST padrão na época era muito forte, eram muitos convênios em todos os locais do Brasil, então, teve um aumento considerável no Rio Grande do Sul e a, Equipe Colaboradora 18 teve que contratar mais pessoas para os processos de capacitação como também de acompanhamento. Eu me lembro que na época o professor Alberto⁴⁴ era um dos colegas do esporte que eu acho que ele não gostava muito de viajar, não gostava de andar de avião e acabou desistindo. Não sei de fato se foi por isso, não me recordo bem, mas acredito que tem alguma influência nisso também. Então, fui convidado para o Programa e para a minha surpresa, eu já fui convidado também para ser vice-coordenador da Equipe. O Alexandre Cariconde⁴⁵ era o coordenador. Tinha um grupo de Pelotas e um grupo

⁴³ Ricardo Demétrio de Sousa Petersen.

⁴⁴ Alberto de Oliveira Monteiro.

⁴⁵ Alexandre Tchuzy Cariconde.

de Porto Alegre. Então, como o professor Cícero⁴⁶, que era o vice-coordenador da Equipe passou para a vice-direção do Programa Segundo Tempo, houve então essa possibilidade para mim. Como professor da casa, trabalho com esporte, tenho livros publicados na questão de inclusão e iniciação, então, recebi esse convite para ser o vice-coordenador. Eu fiz muitas leituras no início para me apropriar do Programa. Peguei os livros que tinha até para entender um pouquinho em que pé estava o processo, que eu sei que teve um crescimento absurdo desde a implantação e que a dimensão ampliou principalmente com a proximidade da Olimpíada e do Campeonato Mundial de Futebol sediado no país. Teve todo um investimento maior do Governo e também acho que, em função política do PT, o Programa do Segundo Tempo se manteve, porque veio do PT através do Lula e continuou depois com a Dilma. Então, acho que cada vez mais foi se consolidando o Programa e o esporte no Brasil todo foi disseminando por interesse das prefeituras, das universidades, do Ministério da Defesa, do Exército e outros que também buscaram o Segundo Tempo. Então, acho que a coisa difundiu, assim, absurdamente. E eu, entrando como vice-coordenador, tive um ingresso por volta de julho de 2013 por um contrato que foi até dezembro de 2014 e depois teve um intervalo porque assinamos um contrato por um período e depois, sempre tem ou o encerramento ou uma renovação. Essa renovação se deu em maio de 2015, indo até dezembro de 2015 e a partir daí a gente ficou na espera, na expectativa que a coisa fosse retomar, se fortalecer, mas estamos num momento mais complexo, agora é difícil, já faz um tempo que eu não estou mais colaborando no Programa Segundo Tempo.

M.M. – E quais foram as suas funções desempenhadas no Programa Segundo Tempo?

R.V. – A função de vice-coordenador, de apoio ao Alexandre Cariconde, até porque tem um grupo de lá e tinha alguns colegas daqui de Porto

⁴⁶ José Cícero Moraes.

Alegre que foram incluídos para facilitar. Tinha alguns convênios em Pelotas, em Rio Grande... Então, o grupo de Pelotas ficava com essas regiões e a gente pegava regiões daqui. E também, como nós estamos dentro da universidade, trabalhando, nem sempre quando havia o calendário de cursos que solicitava as visitas, e eram muitas visitas, a gente tinha meio que se dividir... Acabou que o pessoal de Pelotas tinha muito tempo de fazer dupla para gente poder visitar vários locais, vários núcleos.

M.M. – Que atividades que você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

R.V. – Vice-coordenador acaba fazendo tudo, desde a avaliação dos núcleos, do projeto, de avaliar e dar o “ok”. Também tinha que fazer as capacitações e os cursos, no fim, a gente acabou fazendo capacitações e cursos em todo o Brasil, principalmente quando entrou junto o Mais Educação. O PST cresceu mais ainda, então, nós tivemos cursos em todo o Brasil, equipes que iam fazendo visitas... E o que mais? Deixa eu ver... Capacitação, acompanhamento também de visitar prefeituras, núcleos, visitei também o Ministério das Forças Armadas em Nova Santa Rita⁴⁷, foi uma experiência bem legal também. Mas, então, visitei o PST padrão, as atividades do Mais Educação também, visitei até para fazer aplicação de questionário para saber o perfil e também os cursos. Enfim, tanto do Segundo Tempo padrão como do Mais Educação que teve um outro modelo de formação.

M.M. – O outro modelo de capacitação que você fala é do Esporte da Escola?

R.V. – Isso. É um subprojeto dentro do Mais Educação que é algo maior.

⁴⁷ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

M.M. – Certo! E você poderia descrever um pouco como aconteceu essas capacitações, cursos e também essas visitas de avaliação?

R.V. – No início, em termos de capacitação, acho que são dois momentos. Tem um que era a capacitação do Programa Segundo Tempo. Aquele modelo mais engessado com vídeos e tem o segundo momento que era um modelo diferente que foi conduzido e organizado para o Mais Educação.

M.M. – Que era o curso de extensão?

R.V. – Que era o curso de extensão. Eu particularmente achava o modelo do Segundo Tempo muito engessado, porque teve uma época que eu acho que eles organizaram um modelo de vídeos para ter uma linha pedagógica, mas chegou um ponto também que se tornava desgastante para quem estava apresentando. Nós tínhamos muita experiência para trazer e as pessoas que estavam assistindo também tinham muita experiência para debater, discutir e a gente acabava ficando presos aos vídeos de uma hora. Todo mundo assistindo vídeo, às vezes com sono saíam e voltavam... Então, eu não achava, às vezes, muito pertinente. No momento da avaliação, me recordo que eles elogiavam muito quando tinham a prática onde a gente pegava aqueles tópicos de inclusão de gênero e a gente aplicava na prática mostrando que aquilo era possível de realizar e como deveria ser realizado, aquele método, aquele momento que na avaliação onde tinha mais envolvimento deles. Até eles preparavam também algumas atividades em grupo para apresentar para eles mesmos... Então, era o momento que eu via que mais tinha envolvimento e interesse.

M.M. – Duravam quantos dias as capacitações e os cursos?

R.V. – Eram dois dias. Tem um momento dos vídeos e a gente chegava um pouquinho antes para conhecer o local também. Tinha toda uma

organização de mobilização dos que participariam. Os representantes locais agrupavam profissionais de uma região que não tinham feito a capacitação em uma cidade sede durante esses dias. Por exemplo, em Bento Gonçalves, eles pegavam os monitores de Caxias do Sul e levavam para Bento. Então, se não me engano, era dois dias que levava toda a função. Os vídeos, o momento da prática, o momento de avaliação, era assim, muito complexo. Já o Mais Educação teve outro modelo, com informações mais curtas e cada uma na sua área. Por exemplo, apresentava sobre o esporte, não é? Então, eu explicava sobre o Esporte de Invasão, os objetivos, como é que funcionava tudo dentro daquela metodologia que era proposta e era um curso que tinha mais envolvimento das pessoas. Nós também aprendíamos bastante porque viajavamos para outros locais do país também. No momento que a gente se unia com um colega de Brasília ou um do Rio de Janeiro, a gente conseguia ampliar nossas parcerias. Conhecer as pessoas que estavam no Segundo Tempo era muito legal porque tu te aproximavas, tua aprendia com o teu colega, o teu colega aprendia a metodologia, daqui a pouco ele ia fazer outro curso e levava algo que aprendeu contigo, tu levavas algo que aprendeu com ele. Então, era muito legal. Eu particularmente sempre gosto de aprender. Então, esses momentos eram super-ricos para nós também porque a gente acabava se qualificando e aumentando as possibilidades de pesquisa, de amizade e de vínculos com esses outros colegas dessas outras universidades e o retorno do aluno monitor era maravilhoso. Era, assim, muito intenso. A formação era muito intensa e eu me lembro que chegava no final e alguns até meio que se emocionavam, porque a gente criava um vínculo com o aluno, porque eram muitas atividades práticas, tinha muito contato e eu acho que também eles se sentiam valorizados. Eu me lembro da última que eu fui, se não me engano, em Pará de Minas. Foi muito legal! No final, saímos juntos com os alunos de noite. Nós saímos, bah! Eles não queriam perder o nosso vínculo porque para eles era o máximo. Imagina ter doutores das maiores universidades, escritores de livros do lado deles onde jamais imaginavam que poderiam estar juntos

compartilhando conhecimento. Eles achavam maravilhoso: “Como é que o autor, o cara, aquele que escreveu tal livro está aqui?”. Muitos de nós temos uma publicação boa em livros e tal, o pessoal nos conhece e continuavam... “Tu é aquele do livro que escreveu? Mas eu não acredito! Que legal”. Então, nós tínhamos um reconhecimento deles, eles achavam o máximo e isso também era legal para o Programa e para o Governo, pois, pela primeira vez, eles diziam assim: “É a primeira vez que o Governo realmente está fazendo algo que chega até nós”. Porque, como é que vai mudar a educação se não tiver capacitação das pessoas? E outra coisa: ninguém muda também se não for estimulado, se não mexer com as coisas que até então acreditavam que tinham aprendido em termos de cultura, não é? Então, acho que quando chegávamos com ideias, características diferentes e até de linguagem, nosso jeito gaúcho de falar... Às vezes, eles não entediavam alguma coisa, eles perguntavam: “Professor, eu não entendi. Que palavra é essa que tu quis dizer?” Então, foi muito interessante. Em relação ao acompanhamento, o que eu destacaria é que a gente conseguia influenciar em mudanças. A gente conseguia mudar algumas coisas porque muitas vezes a gente sabia que era um circo montado, eles sabiam que nós íamos e já ficavam mais ou menos preparados, todos os núcleos esperando a gente chegar, só que tinha um roteiro básico já estruturado, que a gente mandava para o Ministério. Coisas básicas... mas tem o que eu mais valorizava que era a questão de valorização local. Ter aluno, a questão pedagógica, como é que estava sendo desenvolvido o projeto em cada cidade de cada núcleo e tentando perceber, por exemplo, que tamanho era a cidade, como era a cidade em relação à questão do esporte, como é que nós poderíamos fazer mais coisas além do que estavam fazendo... Então, eu me lembro assim, muitas vezes nós fomos recebidos por prefeitos e secretários. De uma forma geral, as pessoas estavam envolvidas e acabavam também nos recebendo porque era o Ministério do Esporte: “Estão vindo os avaliadores do Ministério, estão vindo para nos avaliar, para dizer se a gente está fazendo certo ou errado”. Então, a primeira coisa que a gente dizia era que nós éramos parceiros deles. Na

realidade, nós não éramos alguém que ia lá só para verificar se as atividades estavam boas ou se estavam ruins, criticar e virar as costas. No nome “Equipe Colaboradora” já estávamos dizendo nosso objetivo. Íamos para colaborar, talvez sugerir ideias, tentar dar um norte, um acompanhamento, mostrar alguns caminhos que podem ser feitos que eles não estavam fazendo e deveriam fazer, porque existia algumas coisas que eles tinham que fazer, não podiam fugir... Então, o que eu notava também era que, às vezes, o profissional que ia trabalhar naquela comunidade era até de outra cidade. E a questão de gestão de pessoas é um dos temas que a gente não aprende na faculdade de Educação Física. Gestão do teu ambiente. Então, eles achavam que chegariam na hora, dariam a atividade e voltariam para a sua cidade, mas às vezes não tem transporte e, daqui a pouco, começa a clientela a cair. Outras coisas que são coisas da própria região, por exemplo, às vezes tem período de colheita e a gente foi lá: “Ah, professor! Agora é o período de colheita, eles não têm vindo, tem que ajudar o pai no campo, o ônibus passa lá, mas ninguém vem porque a criança tem que ajudar”. Então, tem que se analisar também o contexto. Eu perguntava para eles: “Mas como é que vocês não organizam a chamada, por exemplo, colocando Paulinho. Paulinho é amigo do Joãozinho, então, bota uma letrinha A para mostrar que eles são do mesmo bairro e da mesma rua para quando um sumir ou faltar, tu ter a quem recorrer e perguntar ou ir lá no pai?” Então, eu senti que faltava discussões como essas até dentro das nossas capacitações. A gente falava muito em método de ensino, como é que tu preenches aquele formulário, como é que tu conduzes os métodos mais adequados, mas faltava, talvez, alguma coisa mais relacionada a gestão; como é que ele faz a gestão daquele território, porque tudo se comunica na realidade. Tudo se comunica: a Escola, Segundo Tempo, Mais Educação... e, às vezes, estava na mesma cidade competindo o Mais Educação com Segundo Tempo e, às vezes, era até na mesma escola. O que não podia, mas acontecia. Então, muitas vezes o professor de Educação Física estava ali e achava que somente dando uma aula boa iria cativar as crianças. Mas ele tinha que

estar mais envolvido com a comunidade para perceber como poderia fazer a diferença. Isso eu sentia muito, era uma coisa que eu conversava bastante com eles, mostrando para eles que tinham que está mais envolvido na comunidade. Não era só chegar ali e dar aula. Podia ser o melhor método de ensino, mas eles não iam conseguir alcançar os objetivos porque eles não tinham uma representatividade, eles caíam de paraquedas ali muitas vezes no local. Até porque em algumas regiões não tinha alguém formado. Então, tinha que pedir outro monitor para o PST da cidade. Ou isso complicava no Esporte da Escola porque daí podia qualquer pessoa trabalhar, não precisava ser formado em Educação Física ou ser aluno e o conhecimento do conteúdo também era frágil.

M.M. – Professor, além do Programa Segundo Tempo Padrão e do Esporte da Escola, você teve contato com o Programa Segundo Tempo Universitário, o Projeto Navegar ou outro do tipo?

R.V. – Não, não. Tinha um grupo que só vai no Navegar e tem um grupo que também vai para o Universitário e outros. Eu só tive oportunidades de ir nesse do Exército que eu achei maravilhoso e que é um dos mais organizados. Receberam-me super bem! Eles tinham uma organização interna de disciplina, entendeu? Eu acho formidável, principalmente para a criança carente que entra lá. Tinha toda uma segurança para eles de realmente ter um acompanhamento e tudo estruturado. Bem coisa de militar, né? E funcionava maravilhosamente bem. A gestão tinha uma gestão mesmo. Disciplina e postura de militar. Quando entrava lá, tu vias treinamento, às vezes, o cara fazendo simulação de treino e as crianças do lado. Então, tu tinhas todo um controle, não podiam entrar lá no quartel como se fossem entrar no bairro deles. Tu vias que até as crianças iam se adaptando aquela organização que acabava até ajudando bastante porque hoje em dia as crianças têm toda uma informação, mas muitas vezes falta um pouco de limite, de disciplina. A gente perdeu um pouco disso e esporte requer disciplina,

requer ir além da tua capacidade de ser estimulado. O esporte é isso, tem muito a ver com essa questão da disciplina e da autonomia de lutar até o final, de ser melhor, não que o outro, mas consigo mesmo. Essas coisas que o esporte pode contribuir.

M.M. – E dentro do seu processo, como vice-coordenador, tanto no início como no decorrer, participou de alguma capacitação para saber suas funções e suas atividades?

R.V. – Sim! Tiveram vários encontros em Brasília de apresentação de resultado de como estava sendo desenvolvido. E tinha também espaço para nós colocarmos alguns problemas em cada situação dessa metodológica ou de capacitação. Então, os colegas acabavam ajudando. Por exemplo: quando eu entrei de vice-coordenador, a primeira viagem, eu fiz com o professor Alfredo Machado, inclusive ele foi meu professor no colégio em Pelotas e nós somos amigos até hoje. E na primeira viagem, ele disse: “Vai junto comigo que eu vou te mostrar como é o sistema, qual é aquela rotina”. Então, eu fiz a primeira viagem com ele, os outros colegas também acabaram ajudando. Tu tens que ir para o sistema, tens que praticar, não adianta. Melhor aprendizado. Podia ligar para o pessoal do pedagógico, ligar para Brasília para qualquer problema do sistema... Então, tinha as pessoas certas para quem tu recorrer sempre.

M.M. – Professor, de uma forma mais geral, quais os pontos positivos você poderia indicar do Programa Segundo Tempo?

R.V. – Bah! São tantos! É ponto positivo para todos os sentidos. Acho que para a população, para a sociedade... Era um programa sério estruturado. A gente ia nas prefeituras e até eles comentavam que era um dos programas do governo que tinha mais controle, que era mais estruturado e realmente acontece. Então, acho que foi bom para a universidade também porque a universidade se aproximou da

comunidade. O que acontece com as Universidades é que a gente faz pesquisa e fica trancado, cada um na sua sala, afastado... E muitas vezes, a gente não dialoga entre as pesquisas e essa é uma oportunidade única para a universidade, com a parceria com o Ministério do Esporte que podia atingir realmente a sociedade com os seus profissionais que, logicamente, ganhava uma bolsa. Mas a bolsa também não era o alvo, não se dizia: “Vou estar por causa da bolsa”. Porque também tinha uma possibilidade nossa de desenvolver o esporte de outras maneiras. Particularmente, eu me sentia super recompensado porque tu podias disseminar uma cultura de esporte educacional no Brasil todo. Então, era bom para a sociedade, bom para a universidade porque ela saía dos muros e podia atingir a sociedade, bom para o Ministério porque também repercutia positivamente num investimento que dava retorno e para as crianças que estavam ali, nem se fala! No início do Programa deu alguns problemas que não eram problemas do Programa, mas das pessoas que comandavam politicamente. Estou falando daquele problema da alimentação, dos roubos da comida, e trouxe uma imagem como se tudo fosse errado. O errado era quem estava fazendo isso, o resto estava correto e depois, então, começou a responsabilidade das prefeituras porque eles tinham que dar a contrapartida, estas questões não saíam mais do dinheiro do Ministério. Então, acho que as coisas se acomodaram, era bom para criança que tinha esporte, tinha ônibus que levava elas para o local, tinha uma boa orientação, tinha um acompanhamento. Às vezes, quando a gente fala de esporte para quem não conhece esporte educacional, este só pensa no esporte rendimento, no esporte para a quem está lá, ganhando dinheiro, para o atleta. Mas a gente consegue perceber o esporte como uma ferramenta de formação global da criança, de todos os aspectos até a questão que envolve os valores e a saúde porque, se na realidade, as crianças fizeram uma prática esportiva, elas também vão menos no posto de saúde, vão ir menos ao hospital, vão ter menos exame, vão estar mais educadas, vão ter mais disciplina e talvez, não vão usar droga. Então, o impacto em termos sociais, políticos e financeiros para

o governo, infelizmente, a gente sabe que às vezes leva dez anos para mudar uma geração. O ciclo é muito longo para repercutir. Aquela criança que estava contigo precisa ficar dez anos e daqui a pouco troca governo, troca prefeitura e infelizmente essas coisas acabam. Então, imagina: tu dá oportunidade para a criança e a prefeitura muda e diz que não vai seguir o que o outro partido fez porque não é o representante atual que está fazendo a coisa e que o outro vai levar sempre a fama. Então, eles terminam e criam outro programa, mesmo que igual e mudam a letra para tentar dizer que faz alguma coisa, mas aí recomeça toda uma estruturação com seus problemas iniciais.

M.M. – Começa tudo de novo.

R.V. – Começa do zero de novo. E a criança tem que se adaptar. O programa vai perdendo um pouco da credibilidade e a criança fica um pouco mais sem vínculo.

M.M. – Você já citou algumas dificuldades, mas você poderia apresentar outros limites que encontrou em sua participação pelo Programa Segundo Tempo?

R.V. – Bah! Não me recordo dificuldades em meu desempenho e para a minha função. Nenhuma. Sempre tive todo recurso, deslocamento, como era que o pessoal se organizava. Sempre nos deixavam tudo muito bem informado.

M.M. – Não teve nenhum curso ou capacitação que houve problema?

R.V. – Assim, comigo não. O que eu trago assim que eu já coloquei na outra pergunta anterior é essa questão da política pela transição de representantes e as coisas perdem um pouco a força ou estão fazendo só para cumprir porque era do outro. Então, isso que me dava pena, do processo não ser contínuo, de as coisas se esgotarem. O governo fazer

uma coisa, daqui a pouco, ele muda, vai para cá e muda... Assim, não funciona programa social algum.

M.M. - Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

R.V. - Ah! Com certeza. Não podemos jogar tudo no Programa Segundo Tempo, como se fosse a tabua de salvação, mas é uma oportunidade. Uma oportunidade de, naquele território, naquela comunidade, tu fazer a diferença. Acho que cada um tem que plantar a sua sementinha, são vários programas que tem o governo. Tem programas do SESI⁴⁸, do SESC⁴⁹, tem outras instituições também... Acho que cada um dentro da sua possibilidade tem projetos maravilhosos, trazem retorno para a sociedade, para ajudar a sermos uma sociedade melhor, para termos um futuro melhor para os nossos netos, que outras gerações já tenham garantias.

M.M. - E teve algum curso ou capacitação significativo que você queira nos contar? De forma pode ser positiva ou negativa?

R.V. - Eu já comentei contigo que nós chegávamos em alguns locais era como se fossemos Deus. Eu acho que essas comunidades, os lugares mais longínquos que a informação custa a chegar, o conhecimento é complicado até na Educação Física. Então, quando tu chegavas assim com representação do Ministério, muitos pensavam: “Ah! Chegou o pessoal do Ministério”. Vinha todo mundo em silêncio, depois que eles viam que somos pessoas normais, professores de universidade, que somos colegas deles e estamos afim de passar e trocar conhecimento, levar o que a gente sabe um pouquinho mais das oportunidades que a gente teve, então, isso criava um vínculo imensurável de tu chegar a se emocionar no final, porque nunca mais vou ver a pessoa. Tu sabes que

⁴⁸ Serviço Social da Indústria.

⁴⁹ Serviço Social do Comércio.

vai lá e tu não vais ver mais. Até hoje eu tenho contato com pessoas de Pará Dde Minas que mandam foto, seguem no *whatsapp* e no *facebook*, então, acho que isso não tem preço. O próprio processo das formações, tu imagina cada um daqueles, em cada lugar, mesmo que ele não vá para o Programa Segundo Tempo, que ele vá trabalhar na sua escola, que ele vá trabalhar no seu projeto social, leva um pouquinho daquilo que tu passou, aquela mensagem de inclusão de gênero, de um método mais adequado de todas as peças que envolvem a criança a se manter naquele projeto e no que eles podem fazer de utilização de ferramenta para o desenvolvimento dela.

M.M. – E o que você pensa que é possível fazer para que o Programa consiga se qualificar mais diante principalmente dessa situação brasileira de agora?

R.V. – Eu, particularmente estou chateado. Todos os dias eu passo aqui e venho na sala do PST. Vou e falo: “Estou disponível”. Brincando com as meninas: “Meu passe está disponível, quando que vai retornar?”. Então, vai que muda o Ministro, muda o Secretário, e muda, e muda, e muda e diante dessa instabilidade de diminuição de recursos sempre quem paga a conta é o povo. Os que estão lá em cima não vão pagar a conta, sempre o povo que é o culpado e a vítima. O povo que paga a gasolina, o povo que não vai ter mais serviço público, não tem uma prestação de qualidade das coisas, então, é sempre quem vai ser punido das coisas aumento de imposto, é tudo sempre quem paga e é sempre isso que me deixa chateado.

M.M – Então, para qualificar seria?

R.V. – Qualificar... Acho que a questão é retomar o que já tinha. Se conseguir retomar, não precisa qualificar. Já era qualificado, na realidade. Claro que sempre tem o que evoluir. Talvez, controlar mais as questões das realizações das atividades porque estávamos muito em

montar material, divulgar, capacitar e nós já estávamos num momento que precisava de uma avaliação mais contínua do processo, ter outro grupo só para avaliar como tem um grupo que aprova no sistema. O Programa tem um grupo que dava capacitação, tinha um grupo que é o mesmo que ia acompanhar os núcleos que ia avaliar para ver o impacto real dentro da sociedade, nós já estávamos assim criando ferramentas, mas no início. Fui visitar uma cidade do interior pelo Esporte da Escola, até atolei o carro em uma chuvarada, íamos para uma escola muito retirada dentro da cidade, parecia uma colônia e atolamos um carro locado, empurramos e veio um cara com um trator para nos puxar. Eu tive que ficar de pés descalços. Imagina! E nós chegamos na escola para poder avaliar como estava o desenvolvimento do Programa e nós tínhamos que visitar um número x de escolas ainda. Até filmamos. Era uma coisa de tu não acreditar, a gente foi até lá para pegar um papelzinho com um número x que os caras estavam respondendo para dar o impacto. Então, a gente fez, criou o instrumento, foi avaliar, teve gasto do dinheiro público para ir lá e as coisas estão paradas, então, isso é frustrante. Então, se retomar onde parou, para fechar a tua pergunta, se a gente continuar de onde estava, está de bom tamanho.

M.M. – Professor teve alguma coisa que eu não te perguntei e você acha que é importante mencionar sobre o Programa Segundo Tempo?

R.V. – Eu acho que eu fui além de todas as perguntas; acho que fui um pouquinho além do que você queria perguntar. Junta tudo e coloca na última.

M.M. – Tá certo! Professor, agradeço muito pelo seu tempo e pelas suas contribuições.



Centro de Memória do Esporte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Felizardo, 750

Jardim Botânico

Porto Alegre - RS

90690-200

Tel: (51) 3308-5879

ceme@ufrgs.br

VISITE NOSSO SITE:

www.ufrgs.br/ceme

VISITE NOSSO REPOSITÓRIO DIGITAL:

<http://www.repositorioceme.ufrgs.br>

Este livro se constitui em um e-book produzido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS em Porto Alegre (RS) em 2017.